

REVISTA MENSAL

Ave

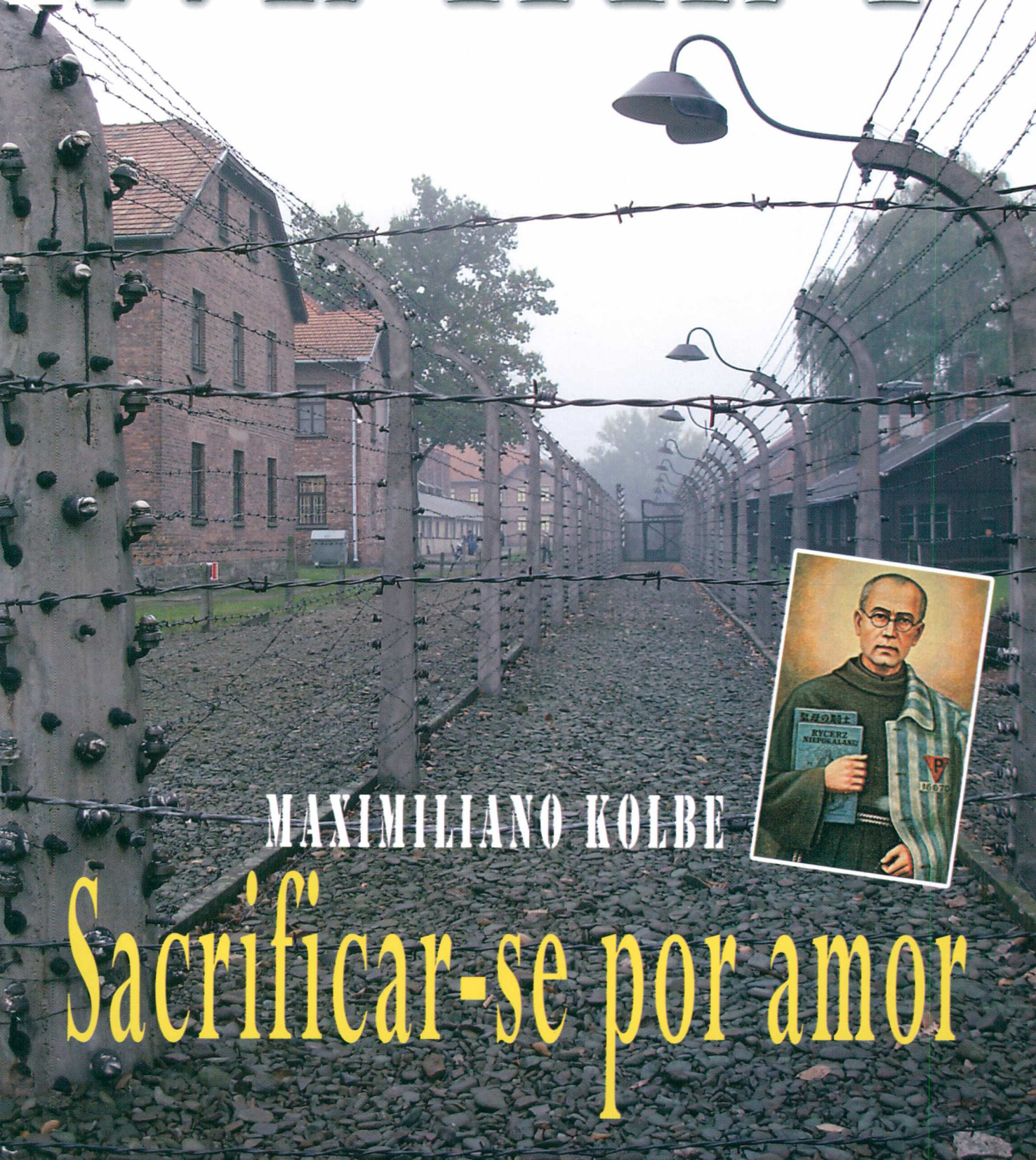
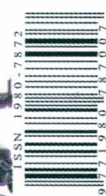
ANO 110

R\$ 3,00

AGOSTO 2008

MARIA

AM



MAXIMILIANO KOLBE

Sacrificar-se por amor

Oração de coragem

(encontrada nos guardados de dona Nancy Cajado Moncau)



Dona Nancy nasceu em 22/03/1909 e faleceu em 15/08/2006, aos 97 anos. Tendo ficado viúva em 1982, continuou por muitos e muitos anos a se dedicar às Equipes de Nossa Senhora que, juntamente com seu marido, havia introduzido no Brasil em 1950. Como viúva, sentia que alguma coisa precisava ser feita em favor de quem vivia o estado da viuvez, de que ela conhecia bem as dificuldades, dores e sofrimentos. Em 2003, já aos 93 anos de idade e com a saúde um pouco debilitada, reuniu um grupo de equipistas e expôs o seu plano de elaborar uma proposta de trabalho pastoral e religioso que ajudasse, a exemplo das equipes, seus membros a viverem santamente o seu estado de vida. Aconselhada por sacerdotes de sua estrita confiança, incluiu na sua proposta também as solteiras, já com uma certa idade e também as separadas que permaneciam sós. Hoje esse novo movimento da nossa Igreja está se espalhando pelo Brasil afora e está recebendo por parte dos senhores bispos diocesanos a melhor acolhida possível.

Em www.magnificat-ens.com.br há um espaço (link) específico para as Comunidades Nossa Senhora da Esperança, bastando acessá-lo para conhecer seu funcionamento e outras informações julgadas necessárias.

Cleide Valentim Giansante
cleide.valentim@terra.com.br

Senhor,
dai-me a coragem de empreender
sem temeridade;

A coragem da iniciativa e
a coragem da disciplina;

A coragem de muitas vezes estar
só e a de começar sempre,
com os que ficam ou
com os que chegam.

A coragem de ter paciência,
apesar dos abandonos;

A coragem de ser senhora de mim.

A coragem de encontrar tempo bastante
para contemplar e
para orar.

AMÉM

Sacrificar-se por amor



“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.”

(Mateus 10,16)

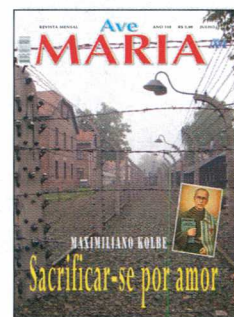
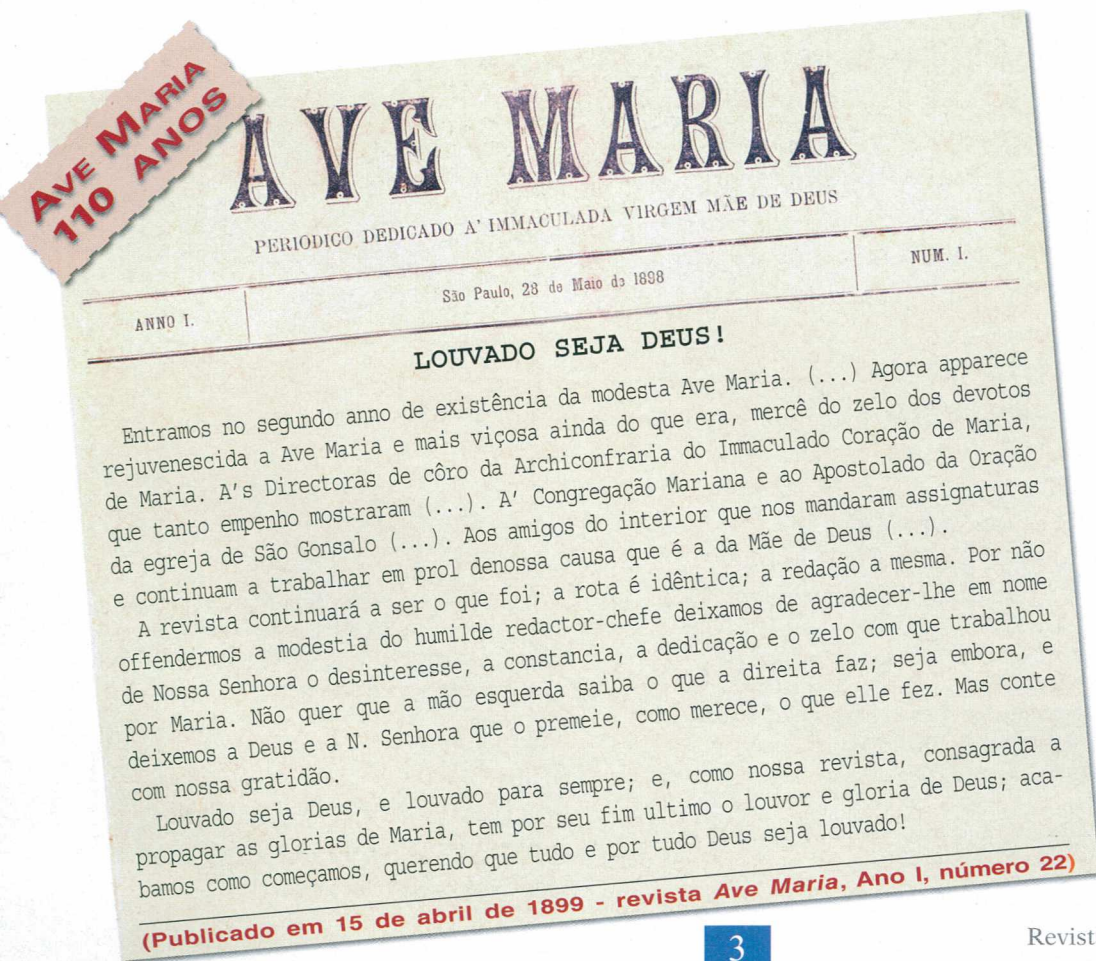
No ano passado, no mês de outubro, fui participar de um encontro de editores Claretianos na Polônia; na programação estava uma visita ao campo de concentração nazista mais famoso do mundo – Auschwitz, onde foram vitimadas centenas de milhares de pessoas, em sua maioria judeus.

Garoava naquele dia, mesmo assim o número de visitantes era altíssimo; por mais que a maioria estivesse acompanhada pairava no ar um silêncio sepulcral, jamais presenciado por mim, a fisionomia de todos transparecia um sofrimento de luto.

Quase no final da visita entramos em um galpão com um corredor bem escuro, ali fiz uma experiência de Deus maravilhosa: em um quartinho minúsculo havia morrido São Maximiliano Maria Kolb, cuja história contamos na revista deste mês. Dele aprendi que ainda somos capazes de fazer sacrifícios por amor gratuito a exemplo de Cristo, um belo exemplo neste tempo vocacional.

Seja Deus a nossa força!

Pe. Luís Erlin, cmf



Capa deste mês:
Campo de concentração
de Auschwitz, Polônia.

Foto: Pe. Luís Erlin, cmf

Os artigos desta edição



Notícias da Igreja	6
Espaço do Leitor	8
Você reconhece alguém?	11
Assunção de Nossa Senhora	13
Geração Jesus Cristo?	14
Deus parou de chamar?	16
São Maximiliano Kolbe	18
Áreas naturais usá-las ou conservá-las	21



Celebrações do mês de agosto	22
Fazer ecoar a palavra de Deus.....	23
O Deus do deus da guitarra	24
Comentários das missas dominicais	25
Lugar do coral ou grupo de canto	30
Não basta amar-se	31
Deus, Pai e Mãe	32



103 anos de vida!	34
Atos perante as palavras	35
A vocação sacerdotal e bioética	36
Humor	37
Paulo de Tarso (3)	38
Apóstolo entre os gentios	39
Salve Rainha (sexta parte)	40
Nossa Senhora da Lapa	41
Vocação e realidade juvenil	42



A palavra é... ..	44
Pastoral familiar	45
Cinema	46
Meu lar	47
Vamos cozinhar?	48
Página infantil	49



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos. Impressão: Gráfica Ave-Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 88 Bairro Gramado, Embu, SP. CEP 06833-070 Tel.: (11) 4785 0085 www.avemaria.com.br

Direção Editorial: Luís Erlin
Administração: Hely Vaz Diniz
Redação: Adelino D. Coelho,
Avelino S. de Godoy
Conselho de redação: Isabel Ferrazoli; Vera Quintanilha; Antonia Portero Simon
Projeto gráfico: Cleber F. Francisco
CORRESPONDÊNCIAS
Rua Martim Francisco, 636,
São Paulo, SP, CEP 01226-000
revista@avemaria.com.br

ASSINATURAS:

Geraldo José Canezin - Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP, CEP 01226-000
Tels: (11) 0800-555 021 e 3666-2128 e 3823-1060
assinaturas@avemaria.com.br

DIVULGAÇÃO:

Rodrigo Recchia: (11) 3823-1060 Fax: 3663-3491 sacrevista@avemaria.com.br

A REVISTA AVE MARIA NA INTERNET:
www.avemaria.com.br/revista

Cooperação e paz

entre os povos



Nos dias 14 e 15 de junho, Bento XVI realizou sua décima visita pastoral na Itália, indo às cidades de Santa Maria de Leuca e Brindisi, no sul da Itália. No domingo, depois da celebração da Santa Missa no porto de Brindisi, o Papa guiou a oração mariana, durante a qual apelou à cooperação e à paz entre todos os povos, especialmente entre os do Mediterrâneo e do Oriente Médio.

Queridos irmãos e irmãs. Antes de concluir a celebração, exprimo o meu reconhecimento a quantos a prepararam com tanto cuidado e a animaram com a música e o canto. Agradeço àqueles que organizaram esta minha viagem e vão oferecer sua contribuição, para que se realize do melhor modo: penso nas autoridades locais, nas forças da ordem, nos voluntários e em vós, caros habitantes de Brindisi. Convido todos vós, como em todos os domingos, a unir-vos a mim na oração do *Angelus*. No lugar em que nos encontramos, o porto é rico de fecundo significado simbólico. Cada porto fala de hospitalidade, de refúgio, de segurança; fala de uma chegada suspirada depois da navegação, talvez longa e difícil. Mas fala também de partidas, de projetos e aspirações, de futuro. Em particular, o porto de Brindisi reveste um papel de primeiro plano para as comunicações com o mar Mediterrâneo e com o Oriente, e por isso hospeda também uma base das Nações Unidas, que desempenha uma função importante sob o perfil humanitário.

Deste lugar tão sugestivo, não distante da localidade indicada como o “bom dia” da Itália (Calimera), desejo portanto renovar a mensagem cristã de cooperação e de paz entre todos os povos, especialmente entre aqueles que coroam este mar, antigo berço de civilizações, e os do Próximo e Médio Oriente. E apraz-me fazê-lo com as palavras que proferi há dois meses em Nova Iorque, dirigindo-me à As-

sembléia Geral das Nações Unidas: “A ação da comunidade internacional e das suas instituições, supondo o respeito dos princípios que estão na base da ordem internacional, nunca deve ser interpretada como uma imposição indesejada e um limite de soberania. Ao contrário, é a indiferença ou a falta de intervenção que causa danos reais. Aquilo de que há necessidade é uma pesquisa mais profunda de modos de prevenir e controlar os conflitos, explorando todas as possíveis vias diplomáticas e prestando atenção e encorajamento também aos mais débeis sinais de diálogo ou de desejo de reconciliação” (Edição portuguesa de L'Osservatore Romano de 26 de abril de 2008, p. 8).

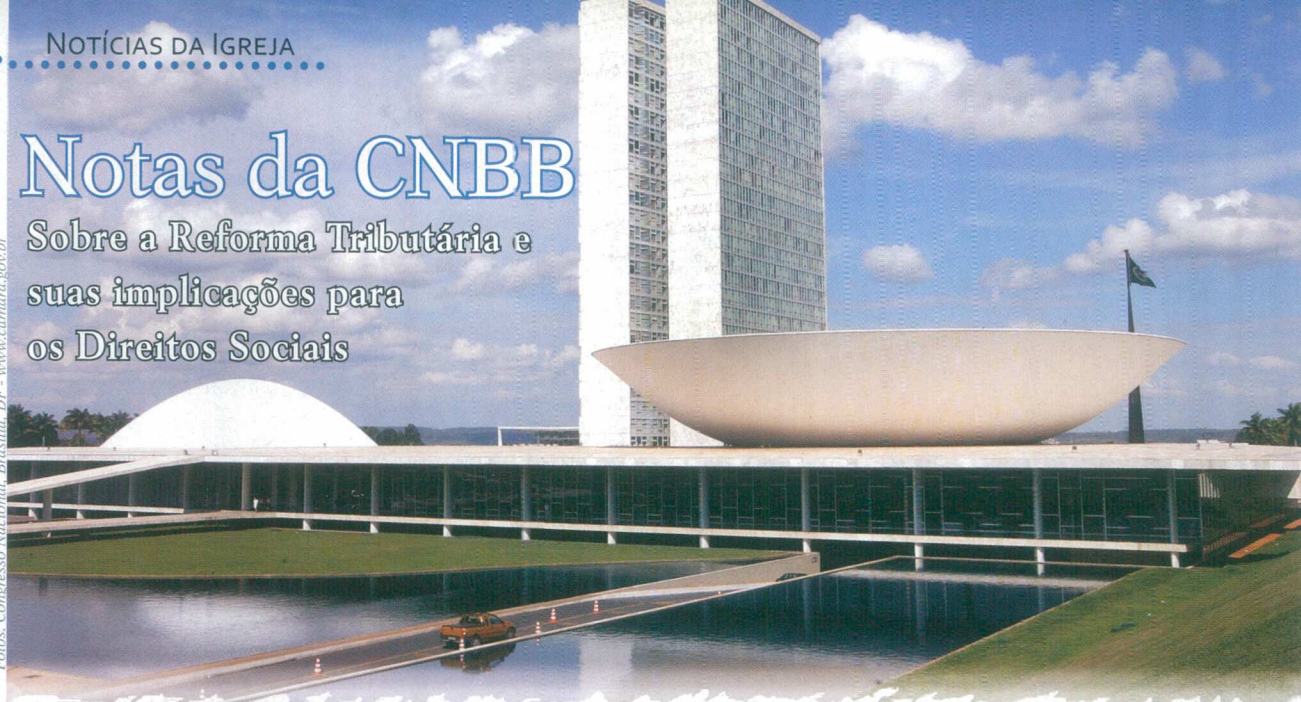
Desta orla da Europa alargada no Mediterrâneo, entre Oriente e Ocidente, dirigimo-nos mais uma vez a Maria, mãe que nos “indica o caminho” (virgem de) Odigitria, concedendo-nos Jesus, Caminho da Paz. Invocamo-la idealmente com todos os títulos com os quais é venerada nos santuários da Apúlia, e em particular aqui, deste antigo porto, a ela nos dirigimos como “porto de salvação” para cada homem e para toda a humanidade. Sua proteção materna defenda sempre esta vossa cidade e região, a Itália, a Europa e o mundo inteiro das tempestades que ameaçam a fé e os verdadeiros valores; permita que as jovens gerações se façam ao largo, sem medo de enfrentar com esperança cristã a viagem da vida. Maria, porto de salvação, rogai por nós!

Bento XVI

Notas da CNBB

Sobre a Reforma Tributária e suas implicações para os Direitos Sociais

Fotos: Congresso Nacional, Brasília, DF - www.camara.gov.br



1. A CNBB acompanha atentamente as iniciativas do Poder Executivo e do Congresso Nacional, que visam um amplo projeto de mudanças no sistema tributário nacional, iniciado por uma proposta de emenda constitucional (PEC 233/2008), que deverá prosseguir, por meio de normas complementares, até 2015.

2. Essa iniciativa de Reforma Tributária objetiva uma reestruturação econômica explícita do sistema tributário: simplificação, desoneração, maior eficiência e combate à chamada “guerra fiscal”. Contudo, ao fazê-lo, realiza certa desconstrução das finanças sociais, erigidas a partir da Constituição de 1988, cuja instituição síntese é o Orçamento da Seguridade Social.

3. Comprometida com a causa da evangelização, à luz da opção preferencial pelos pobres, a preocupação da CNBB, neste contexto da Reforma, é o destino incerto e a conseqüente insegurança que se confere aos direitos sociais. Estes são, até o presente, amparados pelos recursos constitucionalmente vinculados à proteção social pública do Sistema Único de Saúde (SUS), Previdência Social, Assistência Social e Seguro

Desemprego – tocos garantidos, atualmente, no Orçamento da Seguridade Social. O Projeto de Reforma realiza forte retrocesso ao vincular recursos explicitamente a este sistema, que somam menos de 40% do seu orçamento atual. Todo o restante fica relegado a promessas de soluções ulteriores.

4. No espírito e no texto da Constituição de 1988, o sistema tributário e a garantia dos direitos sociais estão estreitamente relacionados nos artigos 194 e 195. Passados 20 anos da promulgação da Carta Magna, entre avanços e recuos no processo de alteração da mesma, manteve-se o princípio da proteção contra cortes e manipulações conjunturais das despesas com a seguridade social, a ponto de se regulamentar tal dispositivo em Lei Complementar, como a Lei de Responsabilidade Fiscal de 2000, art. 24.

5. Mudar o conceito de despesa da seguridade no novo texto constitucional, sem garantias explícitas para todo o restante do Orçamento, significa transitar de uma situação de direito positivo para outra de insegurança na garantia dos direitos sociais.

6. Constata-se, no Projeto da Re-

forma, a ausência de objetivos e métodos apropriados para promover justiça social na tributação, como a taxaço progressiva dos rendimentos, a tributação da riqueza e da propriedade. Ao invés deste caminho, a Reforma escolhe a tributação sobre o consumo de bens e serviços.

7. Em uma sociedade desigual como a nossa, é preciso pensar em Reformas Constitucionais promotoras do bem comum e da equidade, no esforço para consolidar justiça social, distribuição da renda e universalização dos direitos. Nesse sentido, justifica-se uma reforma que concretize o dever cidadão do justo tributo.

8. Por tudo isso, a CNBB sente-se no dever de promover e defender o direito dos mais fracos da sociedade, instando a Presidência da República, o Congresso Nacional e a sociedade em geral a considerar o risco do grave retrocesso presente no texto atual da PEC 233-2008. Faz parte da missão da Igreja o compromisso de participar na construção de uma sociedade justa e solidária, “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (João 10,10).

Fonte: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB

Padroeira do povo xukuru

Desenvolvimento sociopolítico

No dia 23 de junho teve início a festa de Nossa Senhora das Montanhas, Aldeia de Cimbres, distrito de Pesqueira, PE. Este ano, a festa de Nossa Senhora das Montanhas realizou-se sob o tema “Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Lucas 1,48), com missa seguida de diferentes manifestações culturais das aldeias, até o ritual sagrado dos índios (Toré), a Avena, dança religiosa executada ao redor da igreja, e o Toiopes, realizado na Pedra do Conselho. Durante sua realização, os mais velhos aconselham os mais jovens, recordando a vida de seus antepassados e as próprias tradições e valores culturais, como forma de assegurar a continuidade da história de seu povo.

A paróquia de Nossa Senhora das Montanhas foi criada em 1692 e abrange também mais de 9 mil índios, distribuídos em 23 aldeias e 5 comunidades, dentre as quais 3 assentamentos. Atualmente, a paróquia está aos cuidados do pe. Francisco Bispo da Silva.

(Fonte: Geilza Pinheiro - Secretariado Pastoral da Diocese de Pesqueira, PE)

A presidência do CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano, contando com a colaboração da Fundação Konrad Adenauer, realizou na cidade de Bogotá, nos dias 24 e 25 de junho, o “Seminário sobre o Desenvolvimento Sócio-Político da América Latina e Caribe nos dias de hoje”. O objetivo foi “refletir sobre o atual desenvolvimento sociopolítico que se produz no continente e os referentes sociais, próprios de cada país, que reclama por novas condições internas e internacionais, interamericanas e mundiais, de justiça e equilíbrios democráticos”.

Os bispos refletiram sobre os processos que se desenvolvem atualmente na América Latina e no Caribe. Sobre tudo, procurou-se um maior esclarecimento no serviço que a Igreja pode prestar para iluminar a busca dos povos latino-americanos e caribenhos, e animá-los a percorrer caminhos que produzam a verdadeira justiça e paz tão almejados nesses países, assim como contribuir com idéias para fortalecer as inter-relações entre as nações.

(Fonte: Notícias da Igreja - www.cot.org.br)

Vamos rezar juntos?



Os funcionários da Editora Ave-Maria se reuniram no dia 20 de junho para celebrar a missa de ação de graças do mês, sob a presidência do padre Carlos Antônio Pereira, cmf, secretário provincial dos claretianos. Além dos pedidos de orações dos funcionários, de seus colaboradores diretos e de seus familiares foram apresentadas as intenções das seguintes pessoas que nos escreveram este mês e em maio: **Lilian de Sena Oliveira**, Divinópolis de Goiás, Go; **Ricardo Aquino do Nascimento**, Anápolis, GO; **Antonio Luís dos Santos**, Salvador, BA; **Angélica Aparecida de Lima**, Cidade, Embu das Artes, SP; **Michelli**, Solânea, PB; **Denise Moreira de Souza**, Rio de Janeiro, RJ; **José Maria Maia Esmeraldo**, Crato, CE; **Dulcinda Maria N. Pereira**, Alina F. Andrade, São Carlos, SP; **Maria Claret da Silva**, São João del Rei, MG; **Jorge e Cláudia**, Araçatuba, SP; **Geraldo Sousa dos Santos**, Itabuna, BA; **Gabriel Fonseca Werneck**, Cambuci, RJ; **Ozilane Carvalho Vieira**, São José de Ubá, RJ; **Zuleika Junqueira**, Ribeirão Preto, SP; **Theresinha**, Ceilândia, DF; **Ilca Souza Gouveia**, Rio de Janeiro, RJ; **Zulmira Guedes de Souza**, Manaus, AM; **Ana Cristina da Silva Tavares**, Uberaba, MG; **Erci Pedro da Silva**, Itapevi, SP; **Mariana da Silva Gomes**, Brasília, DF; **Josine Mauricio Pena**, Embu, SP; **Priscilla**, Teresópolis, RJ; **Marcelo Baldassi**, Rio Claro, SP.

Todos estão convidados a se unir conosco neste ato comunitário de fé realizado toda terceira **sexta-feira de cada mês**.

Se desejar participar, envie por escrito suas intenções e pedidos de oração para:

Revista Ave Maria - Rua Martim Francisco, 636 - CEP 01226-000 - São Paulo, SP ou revista.site@avemaria.com.br

Revista *Ave Maria* – 110 anos.

Sou assinante há mais de 50 anos.

Faço parte dessa família. Que bom, pois valorizo o companheirismo, a irmandade e a família. E que bom também por estarmos em festa, não é mesmo? Sinto-me caminhando junto com vocês.

Vai aí um pouquinho de história. Sou natural de Guaçuí, ES. Certa vez, conversando com meu vigário, ele me recomendou esta bela revista. Creio que ainda era solteiro, e veja que já tenho 53 anos de casado. Fiz a assinatura, não creio que ela tenha me evangelizado, mas sim colaborou, e muito, na educação de meus filhos e netos.

Meus parabéns, portanto, e que Deus lhes pague pela firmeza em apresentar a mãe de nosso Divino Mestre ao mundo.

Caso possível, eu gostaria de saber quantos anos fez minha assinatura. Cordiais saudações.

Manoel Lamas de Carvalho,
Campinas, SP.

Prezado diretor Luís Erlin, venho por meio desta correspondência comunicar que desejaria saber há quantos anos sou assinante da revista *Ave Maria*. Gosto muito desta revista, tenho duas netas que fazem os jogos, os quebra-cabeças, lêem as historinhas e fazem pesquisas. Eu sou assinante dos anos 60 e não sei a época. Muito grata pela atenção.

Maria Ana Arrisette Souza,
São João Nepomuceno, MG.

Nossa resposta

Prezados Manoel Lamas e Maria Ana, não sabemos há quantos anos nossos assinantes recebem a revista *Ave Maria*. Nossos cadastros ao longo do tempo passaram por muitas reformulações e muitas coisas se perderam ao longo desses 110 anos. A única certeza são os testemunhos que nossos assinantes nos dão. Por

isso, parabenizamos a vocês todos, nossos fiéis observadores de tantos anos de testemunho de nossa revista. Então, a festa é nossa efetivamente.

À equipe da revista *Ave Maria*.

Minha saudosa mãe, Maria Ferreira da Silva, faleceu em 28/02/05 aos 85 anos, foi assinante desta maravilhosa revista por mais de 45 anos. Era na época do irmão Joaquim, uma simpatia de pessoa. Eu era pequena e me lembro quando ele vinha renovar a assinatura. Depois foram outros representantes. Em uma das vezes, eu já era bem maior, mamãe disse ao irmão Joaquim que, enquanto ela vivesse, assinaria esta revista, e quando ela não estivesse mais aqui eu seria a responsável pela continuidade. Uma das causas dessa responsabilidade é por causa do meu nome: Maria Claret. Além de ser devota de Nossa Senhora (cinco Marias, nomes das filhas) era devota de santo Antônio Maria Claret.

Quero dizer também que a revista *Ave Maria*, com seus artigos e mensagens de fé, sempre esteve presente em nossas vidas. Somos dez filhos, a mais velha é religiosa, freira salesiana, irmã Conceição. Ainda me lembro com saudades de mamãe lendo a revista para nós, fazendo reflexões, depois ficava em destaque sobre a mesa. Todos que chegavam aqui em casa sempre liam alguma coisa.

Depois de adulta, no meu tempo de estudante, esta revista me ajudou muito em meus trabalhos, fui professora de ensino religioso, catequista. Então, fiquem sabendo como esta revista tem me ajudado a manter minha fé e esperança de viver bem com Jesus sempre ao meu lado, Nossa Senhora sempre iluminando meu caminho, tenho certeza “Deus é Pai”.

Sou assinante desde 2005, desde que mamãe faleceu. Fico esperando

chegar, leio, copio alguma coisa, reflexões que são lindas, às vezes tiro xerox do que eu quero para meditar. Depois passo-a para minha irmã freira, ela é catequista, professora. O colégio assinava, mas ela sempre gosta de ter uma, pois os artigos são muito bons.

Outras vezes, faço doação para minha paróquia, escola onde trabalhei: (sou aposentada) Lar Solidário. Temos a obrigação de continuar divulgando esta maravilhosa revista, pois seu conteúdo é muito rico.

Parabéns para vocês e para nós de poder contar com ela. Para mim é uma bênção! Contem com minhas orações e rezem por mim. Um grande abraço!

Maria Claret da Silva,
São João del Rei, MG.

Assino a revista *Ave Maria* há mais ou menos 41 anos.

Maria de Lourdes B. de Almeida,
São João del Rei, MG.

Aos revmos. Missionários Claretianos. Saudações.

Felicito a querida revista *Ave Maria* pelos 110 anos que completou em maio deste ano. Parabéns e que ela continue sendo bem-vinda em todos os lares onde entra. Sou assinante da revista há 56 anos. Comecei a assinar a revista *Ave Maria* no ano de 1952.

Gosto muito da revista que traz sempre uma leitura sadia, instrutiva e oferece também distração para as crianças. Depois que leio, entrego aos padres daqui para orientá-los nas pregações e nas missas. Parabéns para a revista mais uma vez.

Maria de Lourdes Caputo,
São João del Rei, MG.

Prezados funcionários da revista *Ave Maria*. É com grande satisfação que passo a escrever estas linhas para mandar-lhes os nomes dos cinco assinantes que consegui para comemorar

os 110 anos da primeira revista mariana do Brasil.

Quero dizer-lhes que sou assinante desde a idade de 10 para 11 anos. Comecei a assinar por volta de 1945, só que comecei com o nome de Maria Francisca Marques, e depois passei para Maria Francisca Sonheiro de Mello. Depois fiquei alguns anos sem participar da assinatura e logo que recebi o exemplar novamente fiquei muito contente, e vou continuar por muito tempo, se Deus assim o permitir. Um abraço a todos da redação.

Que Deus abençoe a todos.

Maria Francisca S. de Mello,
Borda da Mata, MG.

A paz de Deus!

Sou assinante da revista *Ave Maria* há mais de 50 anos.

Maria José Freitas Forti,
São Carlos, SP.

Sou assinante desta revista há 30 anos. Amo-a cada vez mais. Sou afortunada por recebê-la todos os meses em minha casa. Abraços!

Maria Teresa Guimarães,
Três Pontas, MG.

À revista *Ave Maria*. Saudações, paz e bem.

Assinamos a revista *Ave Maria* há mais de 80 anos em nome de mamãe, Maria Luiza Corrêa da Silva. Ela faleceu em 1971 e nós, suas filhas, continuamos assinando a revista em sua memória. Gostamos muito dela. Em nome da família, subscrevo-me.

Maria Salomé Gonzaga da Silva,
Araraquara, SP.

É com imenso orgulho que digo: sou assinante da revista *Ave Maria* desde 1926. É uma honra para mim pertencer a esta grande família há 82 anos. Parabéns à revista pelos 110 anos de existência, sempre nos bene-

ficiando com seus ensinamentos, fazendo-nos crescer espiritualmente.

Margarida Martins,
Belo Horizonte, MG.

Sou assinante desde 1943, há 65 anos.

Marinac Machado Consentini,
Jacutinga, MG.

Sou assinante há dois anos e estou muito contente por fazer parte desta família tão abençoada e admirada por todos aqui em minha cidade. Meus parabéns para toda a família claretiana, continue sempre assim! Que Deus seja a nossa força!

Ricardo A. do Nascimento,
Anápolis, GO.

Escrevo para informar que minha mãe, Maria Honória de Carvalho, é assinante desde 1999. Estamos muito satisfeitos com o conteúdo da revista. Todos aqui em casa a lemos. Eu, particularmente, como ambientalista, parablenizo os editores pelas matérias referentes ao assunto. Desejo muito sucesso para todos aí. Paz e bem.

Sílvio Ricardo Carvalho,
Quirinópolis, GO.

Sou assinante desta maravilhosa revista há 15 anos. Ela tem sido de grande utilidade para mim. Peço a Deus que ilumine a todos.

Teresa e Antônio Alves,
Méier, Rio de Janeiro, RJ.

Eu, Therezinha Monteiro dos Santos, sou assinante da revista *Ave Maria* desde mais ou menos 1956. Esta revista, além de nos evangelizar, também nos mantém informados de todos os acontecimentos nas comunidades católicas.

Toda minha família lê a revista, pois a empresto para todos. Tem a pá-

gina de receitas que também é muito boa, com receitas maravilhosas. Ensina ainda a palavra de Deus. Esta revista, além de tudo, é muito instrutiva.

Eu fiz 80 anos no dia 23 de julho de 2008.

Minha irmã Zélia Monteiro dos Santos fez aniversário dia 13 de julho, completou 76 anos. É deficiente visual e não gosta de dizer que é cega. Aceitou muito bem a cegueira. Ela diz que tem a luz divina, mora pertinho da igreja de Santana e vai à missa todos os dias. Toda revista que chega, ela pede que eu leia. Parabéns por tantos anos de dedicação a esta revista, que tanto bem faz a todos os leitores. Parabéns *Ave Maria*.

Therezinha M. dos Santos,
Juiz de Fora, MG.

Salve Maria! Pelos meus cálculos sou assinante desta maravilhosa revista desde 1960. Parabéns! Cada mês ela vem melhor. Com carinho.

Vera Alves Rodrigues,
Rio de Janeiro, RJ.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado. Meu nome é Alípio Luiz de Godoy, casado com Georgina Cunha de Godoy. Casamos no dia 21 de setembro de 1940. Sou vicentino. Nasci no dia 13 de agosto de 1919. Aos três anos, fiquei muito doente com pneumonia. Meu padrinho de batismo, vendo-me assim, fez uma promessa para que se Deus e Nossa Senhora me curassem, eu assinaria a revista da *Ave Maria* por toda minha vida. E a graça foi alcançada. Portanto, de coração agradeço a Deus, a Nossa Senhora e também por esta belíssima revista. Muito obrigado por este espaço que a revista nos ofe-

receu para escrevermos os acontecimentos da vida.

Alípio Luiz de Godoy,
Pirassununga, SP.

Prezados amigos, a paz esteja com vocês! Que palavras podem ser tecidas para enobrecer nossa estimada aniversariante, senão aquelas que podem ditar o coração de um amigo. Nesta data eu e meus familiares trazemos não só nossos votos de felicitações a um meio de comunicação que, na verdade, merece nossa admiração, mas também para desejar-lhes com toda sinceridade e com todo calor de nossa alma dias cada vez mais venturosos.

Não importa saber que fazer aniversário é envelhecer, pois esta maravilhosa revista não envelhece nunca. Que às nossas modestas orações se junte a bênção de Deus e continue ornando sua abençoada existência. Parabéns pelos seus 110 anos, são os sinceros votos de:

William Souza, Soraia, Tadeu e Thiago,
Belo Horizonte, MG.

Olá! Sou assinante da *Ave Maria* desde 1942, quando completei dez anos de idade e meu pai me deu de presente uma assinatura. Fiquei felicíssima, pois até então eu lia apenas a página infantil da revista que minha avó materna me emprestava. De 1942 para cá sou assinante assídua e propagandista da *Ave Maria*. Tempos saudosos em que recebíamos anualmente a visita do irmão Joaquim. A ele nosso abraço.

Parabéns à revista pelos 110 anos de apostolado fecundo na área de comunicação. Sou assinante há 66 anos em cuja redação adquiri o valioso manual "Goffinée", jóia da liturgia que conservo até hoje. Esse manual esplêndido, meus pais me ofereceram por ocasião dos meus 15 anos. Continuem este apostolado benéfico! Eu e meu esposo, João Bertolaccini, com-

pletamos 53 anos de matrimônio no dia 20 de abril passado.

Maria Aparecida C. Bertolaccini
e família, Borda da Mata, MG.

Venho pela presente cumprimentá-los pelos 110 anos da revista *Ave Maria*. No dia 17 de julho completei, ao lado de meu querido marido, Ângelo, 65 anos de casamento.

Estou com 91 anos e, creio, sou uma das mais antigas assinantes desta maravilhosa revista.

Lembro-me muito bem que ainda não tinha 20 anos quando meu querido irmão me presenteou com uma assinatura. Nunca mais deixei de assiná-la. Portanto, há mais de 70 anos que convivo mensalmente com vocês. Parabéns e que Deus os proteja.

Petronilha Carraro Pizzinato,
Piracicaba, SP.

Minha avó é assinante da *Ave Maria* há muitos anos, minha bisavó, Rita, também era assinante. Minha mãe, Carmem, e minha tia, Rita, também são assinantes. Cresci lendo os exemplares que a vovó recebia e continuo sendo leitora assídua, pois minha mãe sempre me passa a edição mensal assim que termina a leitura. A vovó também repassa os exemplares lidos para o meu tio Sebastião. A *Ave Maria* tem me ajudado muito na educação e evangelização da minha família. Minhas filhas também já se tornaram leitoras, inclusive elas adoram a Maira. Mas o motivo do meu contato é que a vovó Maria Eleuza completou, no dia 21 de maio, 80 anos de vida, e como ela é uma assinante antiga e que evangelizou toda a família e implantou no seio da família o hábito de lermos a *Ave Maria*, gostaria que, se fosse possível, na próxima edição a parabenizassem pela data de seu aniversário. Desde já meus sinceros agradecimentos por tudo de bom que tem sido a

Ave Maria na vida da minha avó e na vida de todos da família. Que Deus e Nossa Senhora abençoe a todos nós da família *Ave Maria*. Atenciosamente.

Arediana Canedo M. C. M. Martins,
Goiânia, GO.

Caros senhores, sou assinante da revista *Ave Maria* há mais de quarenta anos. Minha sogra me presenteou com a assinatura ainda na década de 60, nesta época morava na cidade de Iguazu, Espírito Santo.

Em 1977 me mudei para Belo Horizonte, MG, e os dirigentes da revista localizaram meu endereço e continuaram a me enviar a *Ave Maria*. Amo esta revista, os artigos de Frei Betto, leio e repasso para toda a família. Parabéns pelos 110 anos. A paz de nosso Senhor Jesus Cristo e o amor de mãe Maria nos abençoe e proteja.

Yilda Albertini Culio,
Belo Horizonte, MG.

Nossa resposta

Prezadas Maria Aparecida C. Bertolaccini (66 anos nossa leitora), Petronilha Carraro Pizzinato (70 anos de assinatura), Arediana Canedo (parabéns à vovó Maria Eleuza!) e Yilda Albertini. Ficamos impressionados com tamanha fidelidade. Nossos parabéns é pouco. Mas um orgulho imenso envolve todos nós, editores e leitores da *Ave Maria*. Um exemplo de fé nesta revista que começou pequenina há 110 anos. Pessoas como as senhoras fizeram e fazem parte dessa história por tanto tempo. A revista existe... por causa de pessoas como vocês, porque são as testemunhas da longa caminhada com *Maria*. Parabéns a todos!

Na próxima edição, serão publicadas as novas mensagens que continuam chegando. Aguardem!

A redação da *Ave Maria*.

Você reconhece alguém? E... escreveram nos dizendo que sim!!!

Na edição comemorativa de maio divulgamos algumas fotos muito antigas de assinantes, publicadas nesta revista. E não é que houve pessoas que reconheceram algumas delas e nos escreveram!



Armando
Minucci,
Porto Real,
MG,
1925.



D. Maria
Antonieta
Chaves
Lemos,
Passos, MG,
1941.



Nyel Luiz
Carvalho
Craveiro,
Sorocó,
SP, 1941.

Caro padre Luís Erlin.

Como assinante desta revista missionária, não sei bem ao certo há quanto tempo, mas bem mais de 30 anos, quero parabenizar a direção pela excelente edição especial do mês de maio.

Conheci bem o irmão Joaquim de Castro, há mais de 60 anos, quando eu ainda morava em Formiga e ele ia anualmente lá para receber as assinaturas da *Ave Maria* e aqui também, quando me mudei para cá, há 52 anos, e a ele eu renovava a assinatura.

Com referência à página "Você reconhece alguém?" queria dizer-lhes que a foto do então menino, em 1925, chamado Armando Minucci, trata-se do já falecido farmacêutico Armando Minucci, o qual morava e tinha farmácia no então chamado Porto Real, o qual era distrito da uni de Arcos, MG, e que, com a emancipação, passou a chamar-se Iguatama, MG. Além de farmacêutico, era também oficial da reserva do Exército Nacional. O mesmo possui ainda familiares não só em Iguatama, mas também aqui em Arcos. Pedindo sua bênção sacerdotal, desejo-lhe muita saúde e paz.

Renato Celso dos Santos,
Arcos, MG.

À revista *Ave Maria*.

Na revista de maio, na página "Você reconhece alguém?...", reconheci a Maria Antonieta Chaves Lemos, da cidade de Passos, MG, que era uma pessoa linda interna e externamente, como também todos os seus irmãos e pais, excelentes católicos, muito fervorosos, formando assim uma bonita família. Maria Antonieta tinha uma filha muito doente que faleceu ainda jovem. Perdeu todos os filhos, marido e faleceu com mais ou menos 92 anos.

Nossas famílias eram muito antigas. Nós residíamos em Itapeverica, MG, depois cada um tomou seu rumo, morando em cidades diferentes. Apesar de ser bem mais nova que Maria Antonieta, tinha muito contato com ela, pois eu era amiga de suas irmãs mais novas, todas muito bonitas.

Fico contente de saber que ela, Maria Antonieta, foi beneficiada por graças especiais.

Parabenizo a *Ave Maria* por esta grande e útil revista que nos instrui com suas explicações e reflexões, fazendo também a distração das crianças. Obrigada.

Maria Luci Ribeiro Ferreira,
Belo Horizonte, MG.

Caríssimo padre Luís Erlin.

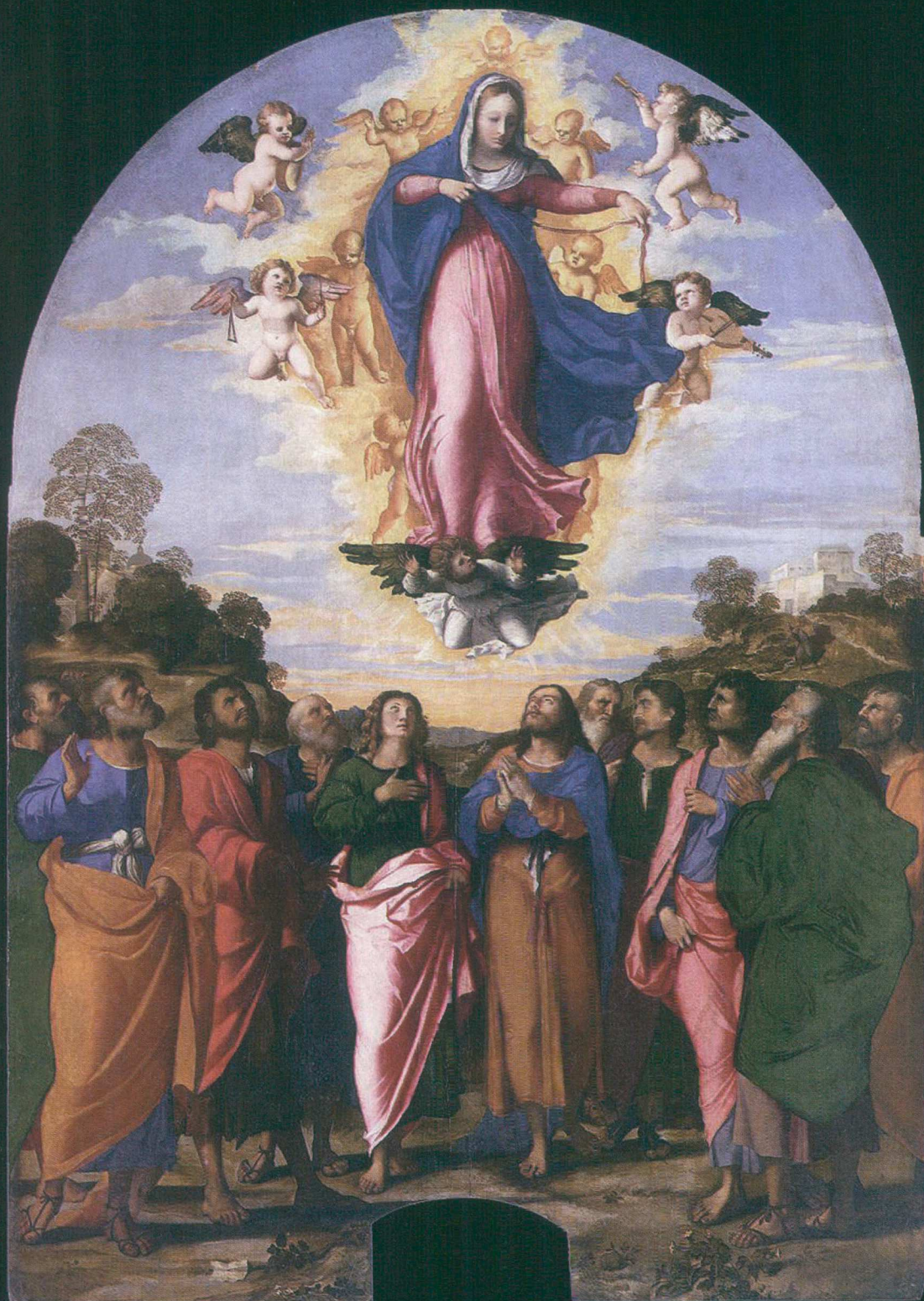
Sou assinante há mais de meio século da nossa querida *Ave Maria*. Qual não foi minha surpresa ao encontrar, na edição especial de maio, a foto de meu irmão, Nyel Luiz Carvalho Craveiro (com cabelo de cachos, como usava na época) Com certeza foi minha mãe que enviou em agradecimento por graça alcançada.

Eu nasci em 1933 e desde sempre me lembro de ver a revista em minha casa. Meu irmão Nyel nasceu em 1939, portanto na época da foto ele teria 2 anos. Quando minha mãe faleceu continuei assinando a revista para minha secretária, que também é catequista.

Aprecio toda a revista e uso os artigos nas reuniões do Apostolado de Orações, no Grupo de Oração, na Escola de Pais e Catequistas, na celebração da Palavra e na Escola da Palavra. Eu me lembro que o Frei Mason vinha receber a assinatura e minha mãe fazia um bolo para servir-lhe no café da tarde. Quanta saudade.

Deus abençoe a todos e a esta amada revista.

Nely Carvalho Craveiro Fruchi,
Sorocó, SP.



*As gerações hão de chamar-me de bendita,
pois maravilhas fez em mim o Poderoso.
Aleluia.*

Assunção de Nossa Senhora

15 de agosto

Nova estrela do céu, gáudio da terra,
ó mãe do Sol, geraste o Criador:
estende a tua mão ao que ainda erra,
levanta o pecador.

Deus fez de ti escada luminosa:
por ela o abismo galga o próprio céu;
dá subirmos contigo, ó gloriosa,
envolva-nos teu véu!

Os anjos apregoam-te rainha,
e apóstolos, profetas, todos nós:
no mais alto da Igreja estás sozinha,
da Divindade após.

Louvor rendamos à Trindade eterna,
que a ti como rainha hoje coroa.
Toma o teu cetro, pois reina e governa,
mãe que acolhe e perdoa!

*Extraído da Liturgia das Horas, p. 1.192.
Pintura de Palma Vecchio -1480-1528 - Maria Assunta ao céu
(pintor da Alta Renascença Italiana).*

Geração Jesus Cristo?



Maria Clara L. Bingemer



Pintura: Dr. Alberto Spindola, cmf

O fanático, segundo a definição do dicionário, é aquele ou aquela que se considera inspirado por uma verdade, iluminado pelo espírito divino e por isso melhor do que os outros. É ainda aquele que terrifica o religioso cego, excessivo e intolerante. Expressa-se no transporte do furor divino. Severo e duro consigo mesmo, impondo-se restrições e limites desumanos, corre o risco de enxergar os outros com os mesmos olhos indiferentes e frios com os quais se vê. E pode ver com frieza e indiferença a atitude daqueles que não compartilham seus sentimentos e convicções.

Nossa cidade (Rio de Janeiro) foi recentemente sacudida por lamentável episódio de fanatismo. Quatro jovens — três homens e uma mulher — foram detidos após invadir e destruir um centro espírita no Catete, zona Sul do Rio. Fora, mais de 60 pessoas aguardavam, em fila, para entrar e participar da celebração. Os quatro entraram em fúria, destruindo santos, imagens, tudo o que viam pela frente e gritando palavras ofensivas às pessoas presentes.

Altar, objetos de culto, nada escapou à violência cega e intolerante dos quatro jovens que foram presos e liberados horas depois sem dar nenhuma declaração, a não ser que faziam parte de uma igreja evangélica, chamada Geração Jesus Cristo. Apesar de o pastor responsável pela Igreja ter manifestado seu repúdio ao fato e declarado tratar-se de atitude isolada, uma vez que sua igreja prega a tolerância, o episódio não deixa de ser preocupante.

Quando a intolerância e o fanatismo assumem tais proporções, sobretudo em um grupo religioso que declara se filiar ao cristianismo, algo muito distorcido e desviado está em curso. Pois o Evangelho de Jesus Cristo é tudo, menos intolerante ou sectá-

rio. Por isso, o fato de os quatro jovens vândalos reconhecerem sua identidade em uma igreja que leva o nome “Geração Jesus Cristo” impressiona e escandaliza.

Se há coisa que nos ensina Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, é a inclusão de todos. O diferente, o excluído, o doente, o impuro, o pagão, o idólatra, todos, absolutamente todos, encontram cidadania e acolhida em sua pessoa e sua prática. O evangelho não relata um só episódio de Jesus em atitude excludente e intolerante com pessoas ou grupos devido à sua origem, seu credo religioso, sua filiação de qualquer tipo. Exceção feita aos desonestos e corruptos vendilhões do Templo, cujas bancadas derrubou sumariamente.

A reprovação de Jesus dirige-se apenas à atitude que contraria a ética, a postura e o comportamento. Jamais à proveniência ou à pertença diferente da sua. É assim que o vemos dialogando com pagãos como o centurião romano e cedendo ao pedido para curar seu criado. Ou dialogando com prazer à beira do poço com uma mulher samaritana e adúltera. Ou pondo como exemplo da caridade e do amor ao próximo um samaritano considerado idólatra, e não o sacerdote e o levita que corriam para o lugar do

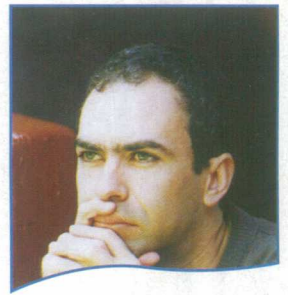
culto, abandonando o ferido à beira do caminho.

No coração e no ministério de Jesus há lugar para todos, mesmo para os não-judeus. Os mais pecadores puderam encontrar carinho e acolhida em sua pessoa inocente e santa. Nunca houve na história da humanidade alguém tão distante da postura fanática que desqualifica as crenças alheias e comete violentas intolerâncias contra os que pensam, sentem e crêem diferentemente.

No evangelho de Marcos vemos um exemplo claro disso quando os discípulos, acoçados pela tentação do fanatismo separatista, dizem: *Mestre, vimos alguém, que não nos segue, expulsar demônios em teu nome, e lho proibimos.* E a resposta de Jesus vem rápida e luminosa: *Quem não é contra nós, é a nosso favor* (cf. 9.38-40). Aí, nesta atitude, é que se encontra o verdadeiro espírito do que a Geração Jesus Cristo é chamada a ser.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Autora de *Simone Weil - A força e a fraqueza do amor* (Ed. Rocco). www.users.rdc.puc-rio.br/ágape.

Deus parou de chamar?



Pe. Luís Erlin, cmf

Na conversa com uns amigos da paróquia, uma senhora me perguntou: — Padre, o que está acontecendo? Por acaso Deus parou de chamar operários para sua messe? E, continuou: — O número de vocações está diminuindo cada vez mais!

Esta pergunta me fez lembrar do salmo bíblico que diz: *Deus se terá esquecido de ter piedade? Ou sua cólera anulou sua clemência?* (Salmo 76,10)

De fato, o número de vocações à vida consagrada e sacerdotal parece estar diminuindo. Os seminários e os conventos não são mais os mesmos, o difícil é encontrar um jovem que esteja fazendo esse discernimento.

A pergunta da mulher é pertinente: — Deus parou de chamar?

A resposta é não. O Senhor continua chamando, planta diariamente no coração de muitos um convite especial: *Vem e segue-me!*

Não falta chamado, falta adesão, falta coragem, falta coração atento, faltam ouvidos afiados. São tantas as vozes que clamam no mundo de hoje, tantas propostas, que o convite de amor de Deus acaba por não ser ouvido, e mesmo que o jovem ouça, a dificuldade se encontra em dizer: *Sim*.

As famílias estão mais reduzidas (por razões lógicas), poucos filhos, às vezes, um único filho, os pais em geral constroem uma redoma em torno dos rebentos, o clã deve ser preservado, os filhos já nascem com a difícil tarefa de responder aos anseios dos progenitores. Muitos dos jovens com quem conversei sobre vocação disseram que a maior resistência foi de seus familiares.

— Deus parou de chamar?

— Não!

A semente plantada pelo Pai é sufocada, sobretudo pelo medo de ser diferente.

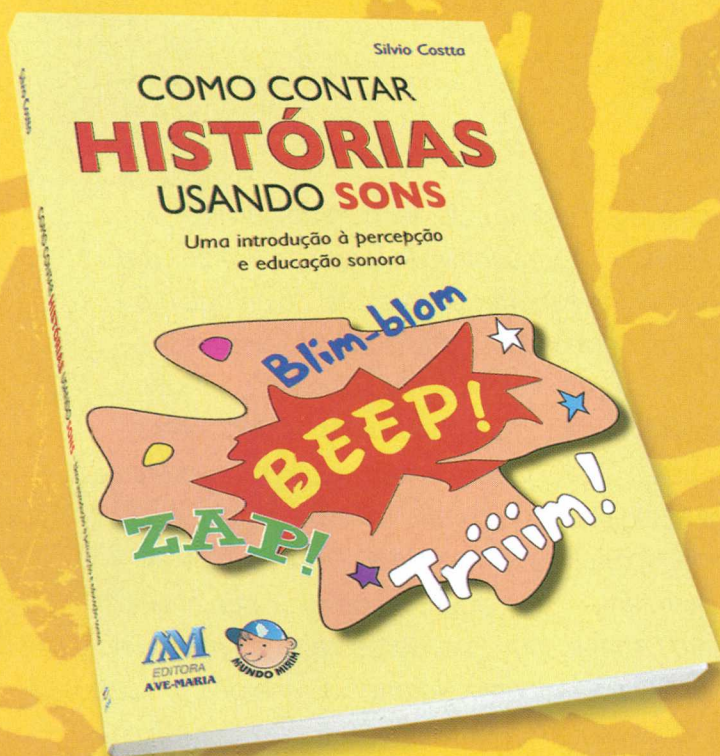
Tantas congregações religiosas e até dioceses lamentam a falta de vocações, porém nós, padres, religiosos e religiosas, também somos responsáveis pela situação atual. Os jovens precisam de referências, precisam ver nossa alegria, e isso geralmente não acontece. Muitas vezes vivemos nossa consagração como um encargo e não como doação. Ninguém subirá em uma barca agitada pelo vento se aqueles que estão no leme estiverem sentados esperando a morte chegar.

— Deus parou de chamar?

— Não! Definitivamente, não!

Pe. Luís Erlin é missionário claretiano, autor dos livros: *Olhai os lírios do campo - Nada perturbe o vosso coração* e *Imitação de Maria - O segredo de sermos agraciados por Deus*, Ed. Ave-Maria. Contato: editorial@avemaria.com.br

Um jeito totalmente novo de contar velhas histórias



Neste livro, Silvio Costa nos mostra uma nova proposta de educação baseada em nossa relação com os sons. Apresenta jogos sonoros, brincadeiras com ritmos, fatos históricos e curiosidades que ajudarão a entender como o som pode ser um grande aliado na educação.

R\$ 14,50

Cód. 1265

88 páginas

Formato: 14 x 21 cm

À venda nas melhores livrarias, pelo televentas 0800 7730 456 ou no site www.avemaria.com.br

AM
EDITORA
AVE-MARIA



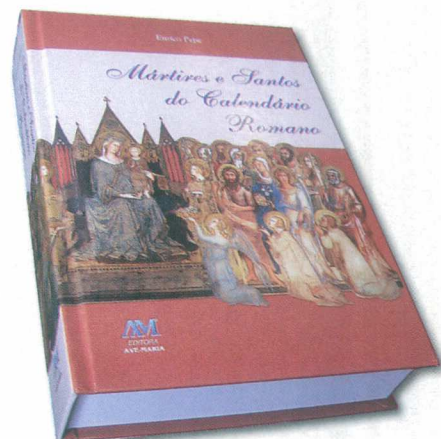
São Maximiliano Kolbe

14 de agosto



“Auschwitz (Polônia), 28 de maio de 1941. No campo de concentração foram escolhidos dez condenados à morte, porque a lei do campo era terrível: ‘Para cada fugitivo que não retornasse, outros dez prisioneiros deviam morrer’. Quando os dez condenados foram selecionados, um deles, Frank Gajowniczek, suplicou, aterrorizado, que fosse poupado porque tinha mulher e filhos. Kolbe saiu da sua fila e se apresentou ao comandante: ‘Sou sacerdote católico, sou ancião; quero tomar o seu lugar, porque ele tem mulher e filhos’. O comandante, estarrecido, lhe gritou: ‘Mas, enlouqueceste?’. ‘Sou sacerdote católico e religioso’, respondeu calmo. Depois de alguns segundos de silêncio, o comandante aceitou a troca.”

(Trecho extraído do volume: *Mártires e Santos do Calendário Romano*. Enrico Pepe. São Paulo, 2008. Editora Ave-Maria, pp. 493 ss).





Fotos: pe. Maciel Claro, emf

Campo de concentração de Auschwitz, Polônia, 1941.

Em uma época em que os totalitarismos das ideologias estavam destruindo a fé em Deus e instauravam a escravidão entre os homens, o padre Kolbe, com o sacrifício heróico de sua vida, recordava a todos o valor da fraternidade humana.

O papa João Paulo II, por ocasião de sua canonização, em 10 de outubro de 1982, afirmou que com seu martírio ele havia trazido “a vitória mediante o amor e a fé em um lugar construído pela negação da fé em Deus e no homem”.

Maximiliano Maria Kolbe nasceu em Zdunska Wola, Polônia, a 7 de janeiro de 1894, de uma família cristã. Ingressou na Ordem dos Frades Menores Conversuais e foi ordenado sacerdote em 23 de abril de 1918.

Memorial a Maximiliano Kolbe nos muros de Auschwitz, próximo ao local de seu martírio.

Naquela época, enquanto a Europa, depois da desgraça da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), preparava-se para a Segunda (1939-1945), contra o ódio, Kolbe preparava as armas do amor. Com licença dos superiores, ainda antes de ser ordenado padre, fundou a “Milícia da Imaculada”, uma associação religiosa para a conversão de todos os homens por meio da Imaculada Conceição.



Coração de missionário, levou seu ideal mariano até a China, o Japão e a Índia.

Estava convencido de que qualquer idéia estranha ao catolicismo tem sempre um fundo de verdade sobre o qual se pode buscar o diálogo. Pensando assim, soube tratar com judeus, protestantes e budistas.

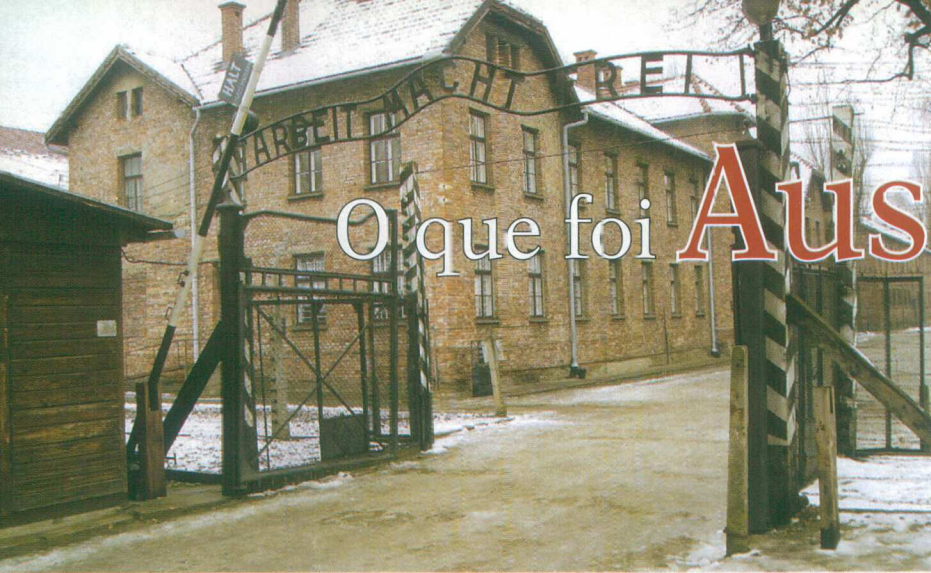
Sua generosidade heróica foi preparada com a abertura aos irmãos, sem preconceito, não se importando com sua religião, raça ou cor.

Um prisioneiro, Bruno Borgowiec, sobrevivente de Auschwitz, relatou que a presença do padre Maximiliano Kolbe no *bunker* (casamata) foi necessária para os outros. Ele conseguiu infundir-lhes a paz e eles começaram a se resignar.

Antes de estender o braço para receber a injeção letal, suas últimas palavras foram: “Ave, Maria”. Tinha apenas 47 anos.

O papa João Paulo II proclamou Maximiliano Kolbe “padroeiro dos nossos tempos difíceis”.

O que foi Auschwitz



Auschwitz-Birkenau é o nome de um grupo de campos de concentração e de extermínio alemão localizados no sul da Polônia, a sessenta quilômetros da cidade de Cracóvia, perpetrado pelo nazismo, a partir de 1940, sob o comando de Adolf Hitler. Houve três campos principais e trinta e nove campos auxiliares.

Auschwitz I — no portão principal lê-se a frase *Arbeit macht frei* — O trabalho liberta (foto acima) — foi criado em 1940, servia de centro administrativo para todo o complexo. Ali morreram perto de 70 mil intelectuais poloneses e prisioneiros de guerra soviéticos.

Auschwitz II (Birkenau) — situado a 3 quilômetros de Auschwitz I — era um campo de extermínio, iniciado em 1941, onde morreram aproximadamente um milhão de judeus e perto de 19 mil ciganos. O campo albergou em certo momento 100 mil prisioneiros. Havia quatro crematórios e câmaras

de gás. Cada câmara de gás podia receber até 2.500 prisioneiros por turno. O extermínio em grande escala começou na primavera de 1942.

Auschwitz III (Monowitz) — construção iniciada em 1942 — foi o maior campo de trabalho escravo utilizado para a empresa IG Farben e produzia combustíveis e borracha sintética.

As severas condições de trabalho unidas à desnutrição e pouca higiene faziam que a taxa de mortalidade entre os prisioneiros fosse muito elevada.

A Alemanha invadiu a Hungria em março de 1944 e perto de 438 mil judeus húngaros foram deportados para Auschwitz-Birkenau, e a maioria deles foi executada.

Em 13 de setembro de 1944, bombardeiros dos Estados Unidos atacaram a fábrica da Buna Werke associada com Auschwitz III, destruindo-a parcialmente. Em 17 de janeiro de 1945, os nazistas iniciaram a evacuação dos seus campos.

Alguns prisioneiros conhecidos:

- **Anne Frank** - foi internada em Auschwitz-Birkenau entre setembro e outubro de 1944, e logo foi trasladada ao campo de concentração de Bergen-Belsen, onde morreu de febre tifóide.

- **Edith Stein (santa)** - católica de origem judia, morreu nas câmaras de gás de Auschwitz II.

- **Elie Wiesel** - sobreviveu à sua reclusão em Auschwitz III e escreveu sobre suas experiências.

- **Felix Nussbaum** - assassinado em Auschwitz em 1944 com sua esposa **Felka Platek**.

- **Hans Krása** - compositor checo, pereceu em Auschwitz.

- **Imre Kertész** - húngaro, Nobel da Literatura, permaneceu em Auschwitz II por três dias no verão de 1944, após ser considerado apto para o trabalho, foi transferido para Buchenwald.

- **Jean Améry** - escritor austríaco.

- **Józef Cyrankiewicz** - presidiu o governo da Polônia entre 1947 e 1952, e entre 1954 e 1970. Foi também presidente entre 1970 e 1972.

- **Maximilian Kolbe (santo)** - foi prisioneiro em Auschwitz I, se fazendo voluntário para morrer em lugar de outro prisioneiro. Faleceu em 1941.

- **Primo Levi** - escritor italiano, esteve preso durante dez meses em Auschwitz, onde tinha de trabalhar na fábrica Buna-Werke. Foi libertado pelo Exército Vermelho e mais tarde escreveu sobre suas experiências.

- **Simone Veil** - advogada e política francesa.

- **Viktor Frankl** - médico e psiquiatra austríaco.

- **Vladek Spiegelman** - pai do cartunista Art Spiegelman.



Entrada para Auschwitz II (Birkenau), o campo de extermínio principal.



Maria Ângela Cabianca

Áreas naturais usá-las ou conservá-las



Foto: Sílvia V. Escaglia

O Brasil possui muitas áreas naturais dentro de seu imenso território, muitas delas distantes dos principais centros urbanos do país, o que dificulta o seu acesso. Também existem áreas naturais próximas das grandes cidades, cuja preservação é fundamental para o abastecimento de água da população.

Estas áreas são importantes remanescentes das diferentes paisagens brasileiras, mas muitas pessoas as vêem como áreas improdutivas e que poderiam representar uma significativa fonte de riquezas, caso seus recursos naturais, como o solo, as águas, a vegetação, a fauna, ou os minerais, fossem explorados economicamente pela população.

Embora tenhamos hoje uma legislação ambiental que prevê a vigilância e as punições que garantam a preservação das áreas naturais, a devastação continua, fazendo-se notar, sobretudo, nas fronteiras agrícolas com a Floresta Amazônica.

Há dez anos foi criada a Convenção da Diversidade Biológica, da qual são signatárias mais de 170 nações,

com o objetivo de manter a riqueza de ecossistemas e formas de vida existentes na Terra.

No Brasil o total de áreas destinadas à preservação não atinge o mínimo previsto para a conservação dos principais biomas brasileiros: ao menos 10% da paisagem natural de cada bioma deveriam estar resguardados em algum tipo de unidade de conservação.

A Mata Atlântica, por exemplo, conta com cerca de 5% da sua cobertura original. Estima-se que 87% das áreas correspondentes ao Cerrado foram devastadas nos últimos 30 anos. Diferentes fontes de informação têm divergido sobre a porcentagem de áreas desmatadas na Amazônia, porém é certo que este percentual tem crescido em ritmo alarmante nos últimos anos.

A dificuldade maior reside em argumentar contra os defensores da ocupação e o uso destas áreas sobre as vantagens de sua preservação em contraponto ao seu uso e exploração econômica.

De um lado deste conflito estão as vantagens da obtenção de matérias-primas muito valorizadas no merca-

do interno e internacional, como madeiras nobres, minérios, espécies de plantas e animais valiosos na indústria química, farmacêutica e cosmética, ou a geração de empregos e renda advindos dos projetos agropecuários. De outro lado, a manutenção do equilíbrio dos grandes ciclos ambientais do Planeta — o ciclo da água, dos climas, dos nutrientes —, garantia de sobrevivência também da nossa espécie.

A proposta de utilização sustentável dos recursos naturais em algumas categorias de áreas protegidas vem sendo discutida e apresentada como um grande desafio e esperança de alternativa viável para o futuro.

O conhecimento da estrutura e dinâmica da natureza deve ser o ponto de partida para qualquer projeto de utilização das áreas naturais que nos restam.

Maria Ângela Cabianca é graduada em Ecologia e Geografia, mestre em Ecologia e doutora em Saúde Ambiental, professora nos cursos de Arquitetura e Turismo na Universidade Anhembi Morumbi.

Nossa Senhora Rainha dia 22



www.ukrainianmuseumlibrary.org

Esta festa foi instituída por Pio XII, em 1954, para celebrar a dignidade real de Maria Mãe de Deus e dos homens. Pio XII exortava os católicos a renovar a consagração do gênero humano ao Coração Imaculado de Maria. Pedia ao povo cristão que se aproximasse de Maria para “implorar auxílio na adversidade, luz nas trevas, conforto na dor e no pranto...” (Pio XII - *apud* José Leite, op. cit. v. II, p. 486). Neste dia, Nossa Senhora é louvada e exaltada por toda a Igreja Católica como Rainha do céu e da terra. Sua realeza a coloca acima de todas as criaturas da terra, dos anjos e santos do céu. S. Amadeu, bispo de Lausanne, dizia que a fama extraordinária de Maria por toda a parte se espalhou antes que sua magnificência fosse elevada acima dos céus, pois convinha que a Virgem Mãe, em honra de seu Filho, primeiro reinasse na terra, em seguida, fosse recebida gloriosa nos céus. Fosse amplamente conhecida na terra, antes de entrar na santa plenitude (cf. *Liturgia das Horas*, p. 1216, v. IV).



Pinura de Botticelli

Santo Agostinho dia 28

354-430 — bispo e doutor da Igreja — “Agostinho” deriva de “Augusto”, que significa sublime, divino.

De Tagaste, África, Aurélio Agostinho foi “o filho das lágrimas” de S. Mônica. Por volta de 375 foi com a família para a frívola e corrupta Cartago, onde conheceu os maniqueus e tornou-se mestre de retórica. Ajuntou-se a uma mulher de nome desconhecido, com quem teve um filho, Adeodato. De Cartago foi para Roma e depois para Milão, onde viveu de 384 a 388, ganhando a vida ensinando retórica. Em 387, abandonou os maniqueus e fez-se batizar, o filho e alguns amigos, pelo bispo S. Ambrósio. Retornou a Tagaste, entregando-se à ascética e ao estudo da Bíblia, mas a experiência como presbítero da Igreja de Hipona, em 391, levou-o a perceber a importância da dimensão eclesial, do estudo da teologia, dos valores cristãos. Bispo de Hipona, conduziu seu rebanho por cerca de 35 anos (396-430), combatendo as heresias e instruindo o povo com sermões e escritos. Deixou-nos vasta obra escrita, entre as quais sua autobiografia: *Confissões*.

PEREGRINAÇÃO SANTUÁRIOS CARMELITAS E MARIANOS NA EUROPA

De 21 de outubro a 07 de Novembro de 2008

Direção Espiritual: Frei Afonso, OCD - Igreja Santa Teresinha - Rua Maranhão, 617 - Higienópolis - S. Paulo - SP

Visitando Fátima, Lisboa, Madrid, Ávila, Zaragoza, Lourdes, Rocamadour, Tours, Nevers, Lisieux, Alençon, Paris, com extensão opcional a Roma

Preço por pessoa apto duplo: 3,437 Euros (inclui passagem aérea, todas as visitas, meia pensão)

Reservas e Informações: Central de Peregrinações Viagens e Turismo • fones: 5083-6022 ou Saphira Neves - fones: 3257-1006 / 9586-5622



Heloisa Silva Carvalho

Celebrando os 25 anos do 1º Ano Vocacional, a Igreja no Brasil nos convida, neste mês de agosto, para que oremos, reflitamos e celebremos o chamado e a missão na vida da família, da comunidade e da sociedade. O lema escolhido para motivar nossa reflexão e nossa ação nesse mês vocacional é: “Família de Deus: todos chamados à vida e à missão”.

Dentre as inúmeras vocações presentes na Igreja, destacamos a da(o) catequista. A(o) catequista é alguém que escuta e atende o chamado de Deus. A partir daí, tem por missão fazer ecoar a palavra de Deus nas pessoas que lhe são confiadas. Aliás, em sua origem o termo catequese se liga a um verbo que significa “fazer ecoar” – *Kat Ekheo*. Mas... de que forma fazer ecoar essa Palavra em uma realidade tão complexa e desafiadora onde nos sentimos, muitas vezes, em nossa missão, remando contra a maré?

A Carta Apostólica Novo Milênio Ineunte (No início do Novo Milênio, 2001), do papa João Paulo II, nos dá uma primeira resposta: “Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral é a santidade (...) Na verdade, colocar a programação pastoral sob o signo da santidade é uma opção carregada de conseqüências. Significa exprimir a convicção de que, se o batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contra-senso contentar-

Fazer ecoar a palavra de Deus



se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial (NMI 30,31).

Necessário se faz, ainda, desenvolver algumas características que ajudarão na missão de educadores da fé.

Destacamos algumas:

Espiritualidade profunda – cultivar a oração e não perder nunca a intimidade com Deus.

Comprometimento comunitário – participar ativamente da vida da comunidade, empenhando-se na sua construção.

Atualização – catequista é alguém que lê, estuda e procura analisar os acontecimentos à sua volta a partir dos valores do Reino. Não pode, nunca, ser alguém alienada(o).

Integração – saber ouvir, dialogar e conviver. Valoriza o trabalho em equipe. Superar o individualismo e o personalismo em sua prática.

Conhecimento – aprofunda o co-

nhecimento dos fundamentos da sua fé, participando de cursos e encontros sobre os mais diferentes temas: bíblia, liturgia, documentos eclesiais, sacramentos, didática da catequese...

Dinamicidade – os encontros são preparados de forma a envolver e comprometer os participantes com a pessoa de Jesus.

Peçamos que o Espírito de Deus impulse e guie nossos catequistas para que elas e eles sejam um sinal-instrumento eficaz para transmitir, com a própria vida e pela Palavra, a Boa Nova do Reino de Deus que aconteceu em Jesus de Nazaré. Um abençoado dia da(o) catequista (31.8) para todos os que exercem esse ministério.

Heloisa Silva Carvalho é assessora do Centro Bíblico Verbo e autora da Coleção de Ensino Religioso para a Rede Salesiana de Escola.

Contato: rrhm@uol.com.br

O Deus do deus da guitarra



Fábio Davidson



Humildade não é a virtude mais buscada na pós-modernidade. Ter é muito mais do que ser. E muitos buscam a fama a qualquer preço. Por isso, fiquei surpreso com o livro autobiográfico de Eric Clapton. Sua técnica musical e virtose criaram um estilo pessoal, tornando-o, para muitos, o “deus da guitarra”. Na vida pessoal, porém, ele revela uma triste história familiar, relacionamentos instáveis, alcoolismo e envolvimento com drogas.

Para livrar-se dos vícios, internou-se duas vezes (1982 e 1987). No final do segundo tratamento, ao perceber que apenas fingia uma mudança, desesperou-se:

“Naquele momento, quase que por si mesmas, minhas pernas cederam e caí de joelhos. Na privacidade de meu quarto, implorei por socorro. Eu não atinava com quem estava falando, sabia apenas que havia chegado ao meu limite, não me restava mais nada para lutar. Então lembrei do que tinha ouvido falar sobre renúncia, algo que pensei que jamais conseguiria fazer, que meu orgulho simplesmente não permitiria, mas entendi que sozinho eu não teria sucesso, por isso pedi socorro e, caindo de joelhos, me rendi.

Em poucos dias percebi que havia acontecido alguma coisa comigo. Um ateu provavelmente diria que foi apenas uma mudança de atitude, e em certa medida é verdade, mas foi muito mais que isso. Encontrei um

lugar a que recorrer, um lugar que sempre soube que estava ali, mas em que nunca realmente quis ou precisei acreditar. Daquele dia até hoje, jamais deixei de rezar de manhã, de joelhos, pedindo ajuda, e à noite para expressar gratidão por minha vida e, acima de tudo, por minha sobriedade. Prefiro me ajoelhar porque sinto que preciso ser humilde quando rezo e, com meu ego, isso é o máximo que posso fazer.

Se você está perguntando por que faço tudo isso, vou dizer... porque funciona, simples assim. (...) Antes de minha recuperação ter início, encontrei meu Deus na música e nas artes (...). De algum jeito, de alguma forma, meu Deus sempre esteve ali, mas agora eu havia aprendido a falar com ele”.

Clapton considera que o cenário musical, no início de sua carreira e atualmente, é desolador: “95% de lixo e 5% puro”. Mesmo assim, acredita que a “música sempre vai achar um caminho até nós, com ou sem negócios, política, ou qualquer outra baboseira ligada a ela. A música sobrevive a tudo e, como Deus, está sempre presente. Não precisa de ajuda, e não é obstruída. Ela sempre me encontrou e, com a bênção e permissão de Deus, sempre haverá de encontrar”.

Palavras sábias. E de alguém que não professa publicamente uma religião.

Fábio Davidson, cristão protestante, é formado em jornalismo.

Contato: f.davidson@gmail.com
<http://doxabrasil.blogspot.com>



A CORREÇÃO FRATERNA

23º Domingo do Tempo Comum
7 de setembro

1ª leitura - Ezequiel 33,7-9: Se não advertires o ímpio, eu te pedirei contas da sua morte.

A leitura de hoje compara a missão do profeta com a da sentinela. Podemos talvez pensar que esse papel caiba somente aos religiosos e às religiosas. Mas, não. Todos nós somos profetas. Todos nós somos sentinelas, somos responsáveis, em parte, pelo destino de nossos irmãos. Todavia, devemos cuidar para que não se aplique a nós o aviso dado por Cristo: Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e depois enxergarás para tirar o argueiro do olho de teu irmão (Lucas 6,42).

Salmo 94,1-2.6-7.8-9:
Não fecheis o coração, ouvi a voz de Deus!

2ª leitura - Romanos 13,8-10:
O amor é o cumprimento perfeito da Lei.

A comunidade de Roma tinha perguntado a Paulo se eles deviam pagar os impostos, uma vez que muitos estavam insatisfeitos com o sistema político em vigor.

A carta de Paulo é uma resposta a essa indagação. Depois de lhes explicar que todas as leis do Estado, quando são justas e promovem o bem comum, devem ser observadas, Paulo lhes dá um princípio geral que serve também para nós. Quando não soubermos qual a melhor atitude a ser tomada, procuremos fazer sempre e somente aquilo que seja bom para o irmão.

Aclamação ao Evangelho - 2Coríntios 5,19: Aleluia, aleluia, aleluia. O Senhor reconciliou o mundo em Cristo, confiando-nos sua Palavra; a Palavra da reconciliação, a Palavra que hoje, aqui, nos salva. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho - Mateus 18,15-20:
Se ele te ouvir, tu ganharás o teu irmão.

Como eco da 1ª leitura, a comunidade de Mateus nos transmite os ensinamentos de Cristo sobre a correção fraterna. A primeira coisa é não espalhar a notícia do erro cometido. Gostaríamos que nossas faltas fossem divulgadas por toda parte e para as demais pessoas da comunidade? Então, não devemos fazer isso em relação às falhas dos outros nossos irmãos. A

propósito, Jesus já havia dito: *Atendei ao que ouvis: com a medida com que medirdes, vos medirão a vós, e ainda se vos acrescentará. Pois, ao que tem, se lhe dará; e ao que não tem, se lhe tirará até o que tem* (Marcos 4,24-25).

A acolhida de um irmão que errou é também evidenciada na lição de Jesus. A abordagem de um pai ou mãe para chamar a atenção do filho, ou ainda de um patrão para corrigir seu empregado, é essencial.

Jesus sugere não se fazer juízo de valor nem nos deixarmos levar pelo preconceito. Antes, deve-se ouvir o outro a fim de que possa apresentar suas razões. Isso é dever de caridade. Quem não dá ao outro o direito de se defender, usa de prepotência e nada conseguirá.

Muito pior será se se obtiver a concordância da pessoa que errou à base de ameaças e chantagens. O amor para com o irmão será sempre a regra de ouro em todas as nossas escolhas. Finalmente, a busca da verdade deve ser feita por quem corrige e por quem é corrigido.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Pensamos somente em ser bons cristãos sem ligar para os outros? Aceitamos a lição de Jesus de que somos responsáveis também por nossos irmãos? Como corrigimos nossos dependentes? Descontrolados? Aos berros? Ou dialogamos com o outro, ouvindo suas razões e buscando juntos a verdade?

LEITURAS DA 23ª SEMANA DO TEMPO COMUM

8 - SEGUNDA: Natividade de Nossa Senhora - Mq 5,1-4a = Ao tempo estabelecido, a parturiente dará à luz. Sl 12. Mt 1,1-16.18-23 = O que nela foi gerado vem do Espírito Santo. **9 - TERÇA:** 1Cor 6,1-11 = Recurso a tribunais pagãos em caso de litígios entre irmãos?! Sl 149. Lc 6,12-19 = Escolha dos Doze; curas numerosas. **10 - QUARTA:** 1Cor 7,15-31 = Matrimônio e celibato. Sl 44. Lc 6,20-26 = Bem-aventuranças e imprecações. **11 - QUINTA:** 1Cor 8,1b-7.11-13 = Carnes oferecidas aos ídolos: evitar o escândalo. Sl 138. Lc 6,27-38 = Amor aos inimigos. **12 - SEXTA:** 1Cor 9,16-19.22b-27 = Fazer-se tudo para todos, a fim de salvar todos. Sl 83. Lc 6,39-42 = Atitude do discípulo: guia cego, cisco e trave no olho. **13 - SÁBADO:** 1Cor 10,14-22 = A Eucaristia, cálice de bênção, corpo de Cristo. Sl 115. Lc 6,43-49 = Árvore de frutos bons e árvore de frutos ruins.





EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

24º domingo do Tempo Comum
14 de setembro

1ª leitura - Números 21,4b-9: *Aquele que for mordido e olhar para a serpente de bronze viverá.*

Esta leitura da festa da Santa Cruz lembra a caminhada difícil dos hebreus pelo deserto, em especial o aparecimento de cobras venenosas de que muitas pessoas estavam sendo vítimas. Moisés recorre ao Senhor e este o mandou fixar uma serpente feita de bronze em uma haste, prometendo-lhe cura e salvação para quem olhasse para ela.

O livro da Sabedoria (16,7) comenta que os hebreus que se voltavam para a serpente de metal eram libertos não pelo objeto, mas pelo Senhor que é quem curava e salvava. Para nós, que temos fé, olhar para a cruz faz lembrar a proposta de vida feita por Jesus.

No batismo, aderimos a ele, e prometemos que encheríamos nossa vida com amor. E com amor também carregaremos

a cruz de cada dia, conforme ele nos disse: *Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, recobrá-la-á* (Mateus 16, 24-25).

Salmo 77,1-2. 34-35.36-37.38:
Das obras do Senhor, ó meu povo, não se esqueça!

2ª leitura - Filipenses 2,6-11:
Humilhou-se a si mesmo: por isso, Deus o exaltou.

O exemplo de humildade de Cristo leva Paulo a nos dar conselhos profundos: Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos (v. 3). E, para convencer melhor os filipenses, o Apóstolo introduz em sua carta um belo hino composto naquela época e cantado em muitas daquelas comunidades primitivas.

Para termos força para realizar tamanho ideal devemos olhar para a cruz. A cruz, portanto, não é um amuleto que se leva ao pescoço para dar sorte ou proteger de doenças ou desastres. Na cruz temos a medida do seu imenso amor e nos é proposta também a medida do amor que somos chamados a oferecer ao irmão.

Aclamação ao Evangelho:
Aleluia, aleluia, aleluia. Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e vos bendizemos, porque pela cruz remistes o mundo. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho - João 3,13-17: *É necessário que o Filho do Homem seja levantado.*

Não é necessário subir materialmente ao monte do Calvário para fazer a experiência da cruz. Basta abrir o coração e a mente à palavra do evangelho: *Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho, não para julgá-lo, mas para salvá-lo* (v. 16).

Infelizmente nossa cultura herdou de nossos antepassados a imagem de um Deus-juiz que, ao se deparar conosco no fim da vida, retribuirá com justiça prêmios e castigos.

O verdadeiro Deus é aquele que revelou seu rosto em Jesus, que morreu na cruz por nosso amor. E nos deu o exemplo para que não façamos em nossa vida discriminação de pessoas. Ele preferiu morrer do que abrir mão de salvar os pecadores, ir ao encontro dos desprezados pela sociedade, por todos aqueles que necessitavam de sua ajuda e perdão.

O juízo do qual temos necessidade é o que Deus pronuncia hoje, que nos impede de desperdiçar a vida, seguindo estradas de morte. Portanto, é da cruz, da Páscoa, que Jesus nos julga.

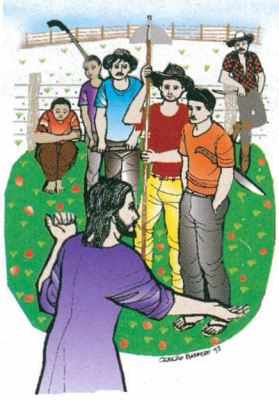
SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Voltamo-nos para os crucificados de hoje: os pobres, os doentes, os velhos, os explorados, as crianças de rua, etc.? Nosso olhar para a cruz é sinônimo de esperança? Jesus nos convidou no batismo a levar nossa cruz após ele. Fazemos isso? Qual é o nosso Deus? Um juiz, atento às nossas faltas para nos julgar? Ou um Pai?

LEITURAS DA 24ª SEMANA DO TEMPO COMUM



15 - SEGUNDA: Nossa Senhora das Dores - Hb 5,7-9 = Cristo aprendeu a obediência e tornou-se salvação eterna. Sl 30. Jo 19,25-27 = Mulher eis o teu filho! **16 - TERÇA:** 1Cor 12,12-14.27-31a = Comparação do corpo e dos membros. Sl 99. Lc 7,11-17 = Ressurreição do filho da viúva de Naim. **17 - QUARTA:** 1Cor 12, 31-13,13 = Hino à caridade, o caminho mais excelente. Sl 32. Lc 7,31-35 = Faça assim, ou não faça, o cristão sempre será criticado! **18 - QUINTA:** 1Cor 15,1-11 = Certeza da Ressurreição de Jesus. Sl 117. Lc 7,36-50 = Perdoada a pecadora que ungiu os pés de Jesus. **19 - SEXTA:** 1Cor 15,12-20 = Necessidade da Ressurreição de Jesus. Sl 16. Lc 8,1-3 = Piedosas mulheres acompanham Jesus. **20 - SÁBADO:** 1Cor 15,35-37.42-49 = Como será a ressurreição dos mortos. Sl 55. Lc 8,4-15 = Parábola do semeador.



OS PRIMEIROS E OS ÚLTIMOS

25º domingo do Tempo Comum
21 de setembro

1ª leitura - Isaías 55,6-9: *Meus pensamentos não são os vossos pensamentos.*

Meditamos em domingos passados que temos em nossa cultura juízos errados sobre quem é Deus. Vimos que nosso povo acredita em um deus que é como um juiz, que fica tomando conta do que fazemos de bom e de mal para nos castigar ou premiar.

Tal maneira de considerar Deus é pensar que ele proceda como um homem: raciocina como nós, contrata a salvação, oferece-a, mas cada um de nós tem de ganhá-la, avalia méritos e pecados, e recompensa na proporção daquilo que cada um ganhou. O profeta nos convida a mudar nosso modo de pensar. E o Senhor explica: *É que os meus pensamentos não são os vossos e meus caminhos são diferentes dos vossos.*

Salmo 144, 2-3.8-9. 17-18: *O Senhor está perto da pessoa que o invoca.*

2ª leitura - Filipenses 1,20c-24.27a:
Para mim, o viver é Cristo.

Sobre o túmulo de Paulo em Roma está escrito: *Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro.* Essa frase foi tirada desta carta aos Filipenses, escrita da prisão, sobre cujo trecho estamos refletindo. Após registrar que há irmãos que pregavam o Evangelho por espírito de intriga e para se opor a ele, o Apóstolo conclui que isso não importa, contanto que se fale de Cristo.

Como Paulo, também estamos unidos a Cristo pelo batismo e formamos um só corpo. Nele, cada um de nós tem sua função. Não pode haver inveja nem contenda.

Em uma outra carta aos coríntios, o Apóstolo escreve: *Um joga a semente, outro rega e mais adiante será um outro diferente que irá colher* (cf. 3,6). O importante é que a Palavra do Senhor esteja dando fruto.

Aclamação ao Evangelho (cf. Atos dos Apóstolos 16,14b): *Aleluia, aleluia, aleluia. Abri, Senhor, o nosso coração, então, acolheremos as palavras de vosso Filho. Aleluia, aleluia, aleluia.*

Evangelho - Mateus 20,1-16a: *Estás com inveja porque estou sendo bom?*

O evangelho de hoje apresenta-nos uma parábola cujo teor é semelhante ao da Carta de São Paulo dirigida aos Filipenses. A pergunta do dono da vinha: *porventura vês com maus olhos que eu seja bom* (v. 15) dá o sentido da história.

Somos todos do mesmo Corpo Místico

de Cristo. Não importa que haja recém-batizados ocupando cargos que nós durante a vida toda não conseguimos alcançar.

Não nos podemos deixar dominar pela inveja nem nos mostrar desapontados por outro irmão ter ocupado um cargo que desejávamos.

O critério de Jesus é bem outro: *Não imiteis os hipócritas que fazem obras para serem vistos pelos homens* (Mateus 23,5). Suas palavras tornam ridículo nosso esforço para sermos apreciados e aplaudidos pelas pessoas a fim de que nos “considerem” ou “para que nos tenham em conta”.

Da mesma maneira como gostaríamos que fizessem conosco, devemos proceder com os outros.

Também se virmos defeitos (naturais em quem começa), devemos, a sós, fazer nossa observação. E com palavras de esperança, de otimismo, descobriremos juntos um novo caminho.

Outro pensamento que pode ocorrer a quem julga que observa todos os mandamentos é comparar-se com quem foi atingido pelo chamado de Deus na última hora e sentir inveja da recompensa igual para os dois.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Nossa atitude é como a da criança que não se prevalece de nenhum direito, não merece nada, tem sempre os olhos voltados para o pai, esperando alegremente pelos seus presentes?

Compreendemos que todas as graças nos vêm de Deus e de que ele somente é quem realiza a salvação em nós.

LEITURAS DA 25ª SEMANA DO TEMPO COMUM

22 - SEGUNDA: Pr 3,27-34 = Conselhos de sabedoria e de bondade. Sl 14. Lc 8,16-18 = Lâmpada à vista. **23 - TERÇA:** Pr 21,1-6.10-13 = Sentenças diversas de sabedoria. Sl 118. Lc 8,19-21 = Mãe e “irmãos” de Jesus. **24 - QUARTA:** Pr 30, 5-9 = Oração para não cair em extrema pobreza. Sl 118. Lc 9,1-6 = Missão dos doze apóstolos. **25 - QUINTA:** Ecl 1,2-11 = Nada de novo debaixo do sol. Sl 89. Lc 9,7-9 = Opinião de Herodes sobre Jesus. **26 - SEXTA:** Ecl 3,1-11 = Há um tempo para cada coisa. Sl 143. Lc 9,18-22 = Pedro declara sua fé em Jesus; primeiro anúncio da Paixão. **27 - SÁBADO:** Ecl 11,9 -12,8 = Lembra-te do teu Criador. Sl 89. Lc 9,43b-45 = Segundo anúncio da Paixão.





ACOLHER OS NOVOS APÓSTOLOS

26º domingo do Tempo Comum
28 de setembro

1ª leitura - Ezequiel 18,25-28:
Se um pecador se desvia do seu pecado, ele conserva a sua vida.

As palavras do povo, citadas pelo profeta Ezequiel, contra o modo de Deus agir (o modo como o Senhor age não é justo – assim falavam os murmuradores) fazem-nos lembrar as dos operários no evangelho do domingo passado que murmuraram contra o dono da vinha que lhes tinha pagado o mesmo que aos outros.

Os hebreus no exílio atribuíam seus males aos pecados de seus pais. Mas Ezequiel condena esse modo de pensar, afirmando: cada um é responsável pelas suas próprias ações. Ninguém desconta os pecados dos outros.

Porque, caso contrário, alguém pode se desculpar dos erros sem se esforçar para

mudar, porque a culpa não seria dele, mas dos pais, dos avós, enfim dos outros.

É confortador para nós refletirmos que Deus sempre está disposto a ajudar aqueles que, renunciando ao mal praticado, querem reconstituir a própria vida.

Salmo 24,4bc-5,6-7.8-9: *Lembrai-vos, Senhor, de vossas misericórdias.*

2ª leitura - Fl 2,1-11: *Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus.*

É inútil ter dito “sim” para Deus no dia do batismo, se em seguida, durante a vida, vamos renegando as promessas feitas. Nossa vida inteira deve ser um “sim” permanente ao Senhor. A comunidade de Filipos, esquecida disso, caiu no pecado da inveja. Paulo, com muita delicadeza, destina-lhe alguns conselhos que nos podem ser dirigidos também: *Nada devemos fazer por espírito de egoísmo, competição e vanglória.*

E, para vencer essa tendência que todos temos, ele nos aponta a chave da humildade: respeitar os outros e suas opiniões, considerando-os superiores a nós! Finalmente, para cultivar esse comportamento, ele sugere que nos acostumemos a não cuidar só do que é nosso, mas também do que é dos outros!

Aclamação ao Evangelho - João 10,27:
Aleluia, aleluia, aleluia. Minhas ovelhas escutam a minha voz, diz o Senhor, eu as conheço e elas me seguem. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 21,28-32:
Os publicanos e as prostitutas vos precedem no reino de Deus.

Ao ouvir ou ler esta parábola de Jesus, poderemos nos imaginar que estamos no grupo do segundo filho. Na Igreja, em nossas comunidades, alguns de nós no batismo disseram: “sim”, mas depois na vida concreta transformaram o “sim” em muitos “nãos”.

Por outro lado, há não-batizados que nunca disseram um “sim” explícito para a Igreja, mas na prática de cada dia amam os irmãos, se sacrificam pelos outros, ajudam quem está precisando, enfim executam muitas obras de caridade. Estes é que são os verdadeiros filhos de Deus!

Não basta termos nossos nomes inscritos no Livro de Registro de Batizados de nossa paróquia para dizermos que somos cristãos. Será por nosso amor dedicado aos irmãos que nos ofenderam (a começar pelos de nossa casa) que demonstraremos que de fato somos cristãos.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Valorizamos o “sim”, dado por nós no batismo, ao projeto de Jesus? Caímos também na tentação de atribuir a outros a culpa pelos nossos erros? Somos como um “terceiro filho” que dissesse “sim” ao Pai e fosse mesmo?

Que testemunho damos para nossos irmãos da comunidade para que eles sintam que não invejamos os outros?

LEITURAS DA 26ª SEMANA DO TEMPO COMUM

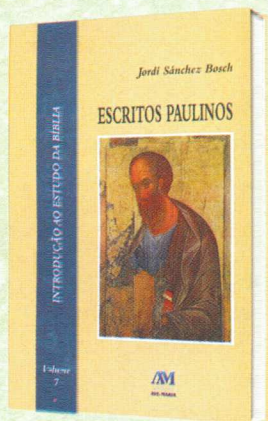
29 - SEGUNDA: Santos arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael. Dn 7,9-10.13-14 = Mil milhares o serviam. Sl 137. Jo 1,47-51 = Vereis os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem. 30 - TERÇA: Jó 3,1-3.11-17.20-23 = Jó deplora sua infelicidade. Sl 87. Lc 9,51-56 = Jesus repellido por parte dos samaritanos. 1º de outubro - QUARTA: Jo 9,1-12.14.16 = O homem não deve contestar Deus. Sl 87. Lc 9,57-62 = Deixar tudo para seguir Jesus: três casos de vocação. 2 - QUINTA: Santos Anjos da Guarda. Ex 23,20-23 = Envio meu anjo diante de ti. Sl 90. Mt 18,1-5.10 = Os seus anjos nos céus vêm continuamente a face de meu Pai que está nos céus. 3 - SEXTA: Jó 38,1.12-21; 40,3-9 = A sabedoria de Deus desafia a pretensão de Jó. Sl 138. Lc 10,13-16 = Ai de vós, Corazaim, Betsaida, Cafarnaum; de quem não me ouve! 4 - SÁBADO: Jó 42,1-3.5-6.12-17 = Arrependimento de Jó; sua nova prosperidade. Sl 118.

Lc 10,17-24 = Volta de missão bem-sucedida.



Ano Paulino

2008 - 2009



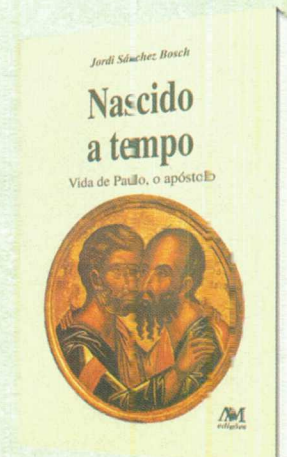
Escritos Paulinos

Neste livro, o autor Jordi Sánchez Bosh, doutor em Sagrada Escritura e membro da Pontifícia Comissão Bíblica, apresenta um estudo sobre as cartas atribuídas a Paulo, faz uma exposição detalhada dos grandes temas teológicos paulinos e da carta aos Hebreus. São incluídas também orientações bibliográficas concretas para cada caso e propostas de exercícios práticos.

R\$ 76,90

Nascido a tempo - Vida de Paulo, o apóstolo

Nascido a tempo é um estudo dos escritos de São Paulo, no qual o autor nos mostra a vida do apóstolo dos gentios, desenvolve sua pregação, salienta a teologia e nos dá múltiplas pistas para um conhecimento profundo de Paulo.



R\$ 26,50



Paulo - Anúncio de vida para culturas diferentes

Neste livro você encontra um estudo sobre a vida, as viagens, as pregações e os escritos do Apóstolo Paulo. Por intermédio da história e da teologia você descobrirá o modo de viver e pensar das comunidades primitivas, as raízes de nossa religião e a atualidade dos ensinamentos desse grande mestre.

R\$ 49,70

À venda nas melhores livrarias, pelo tele vendas 0800 7730 456
ou no site www.avemaria.com.br

M
EDITORA
AVE-MARIA

A Serviço da
Palavra e da
Educação

Lugar do coral ou grupo de canto



Ir. Míria T. Kolling

Muitos me perguntam sobre o local mais adequado para o coral ou grupo de cantores, no espaço celebrativo. Primeiro, é bom lembrar que o grupo coral não foi abolido pelo Concílio Vaticano II, mas ele tem uma função ministerial muito importante: sustentar, animar e apoiar o canto da assembléia, enriquecer o canto do povo, favorecendo a participação ativa dos fiéis.

A este respeito nos diz o Estudo da CNBB nº 79 "A música litúrgica no Brasil", em seu nº 258: "Para poder exercer sua função ministerial junto à assembléia, o coral se poste de tal forma, que fique próximo aos fiéis na nave, à frente, entre o presbitério e a assembléia (à direita ou à esquerda), sem impedir a visão do povo, e não longe do(s) instrumento(s) de acompanhamento".

Portanto, o lugar mais adequado não é no fundo da igreja, acima e atrás da assembléia, no chamado "coro", como acontecia antes do Concílio, mas entre o povo e o altar, sem nunca dar as costas para o mesmo. Isto, porque o grupo dos cantores e instrumentistas, antes de serem ministros, são parte da assembléia, formam o povo de Deus e devem estar localizados de tal forma que lhes facilite a participação plena, sacramental, ficando claramente visível que constituem a comunidade dos fiéis, mas com uma função particular.

Sobre o assunto fala com muita propriedade Mauro Serrano Díaz, no livro *Manual de Liturgia II* (CELAM – Paulus, 2005), à p. 292 e seguintes: "Para a assembléia, não é edificante um coro que não escute a Palavra, não se una a ela na oração e no sacramento, dedicando-se apenas à sua arte". E ainda: "O coral nunca deve suplantar a assembléia: as respostas ao salmo, a aclamação-hino do 'Santo', as diversas aclamações da Liturgia da Palavra e da Liturgia Eucarística são patrimônio da assembléia.... O coral não é um grupo 'vedete': sua grandeza está no trabalho paciente da formação musical e litúrgica do grupo, assim como na participação assídua na celebração da comunidade". Vale a pena citar ainda Julián López Martín, que completa em seu livro *A Liturgia da Igreja* (Edições Paulinas, 2006): "A participação da assembléia no canto é um direito e um dever que não pode ser suplantado por um coral, uma vez que este tem também sua própria função na celebração, a serviço de toda a assembléia". Nem o grupo deve abafar a voz do povo, nem os instrumentos suplantar a voz do grupo e da assembléia!

"Confundindo ministério com palco" é um interessante artigo de Carlos Sider que guardo e agora me vem à lembrança. Confirma ele o que outros autores e documentos da Igreja falam sobre o assunto. O desafio é não se tornar igreja da moda, grupo musical, cantor ou banda da moda,

que toca e canta para atrair multidões, muitas vezes mesmo sem a vivência da fé.

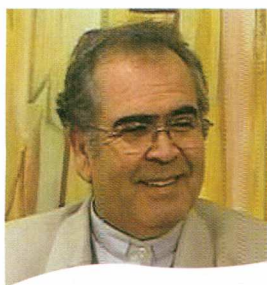
O cuidado é não chamar a atenção sobre si, tornar-se o centro, sob holofotes e luzes, dando espetáculo ou show, disputando o espaço com o altar, pois não é aos ministérios em si que Deus dá importância, mas ao coração humilde do ministro, que aprende a servir os irmãos aos pés da cruz. "Os frutos do palco são passageiros. Os frutos do verdadeiro ministério são eternos", conclui o autor.

Portanto, o grupo dos cantores ou coral faz parte da assembléia dos fiéis, desempenhando, porém, um ministério litúrgico particular, um serviço especial, o que deve ficar claro, pela sua disposição na igreja e pela atitude e postura dos cantores, formando unidade com o povo e favorecendo a participação e a comunhão de todos.

Também os instrumentos sejam colocados de tal forma que possam sustentar o canto da comunidade, sendo facilmente vistos e ouvidos.

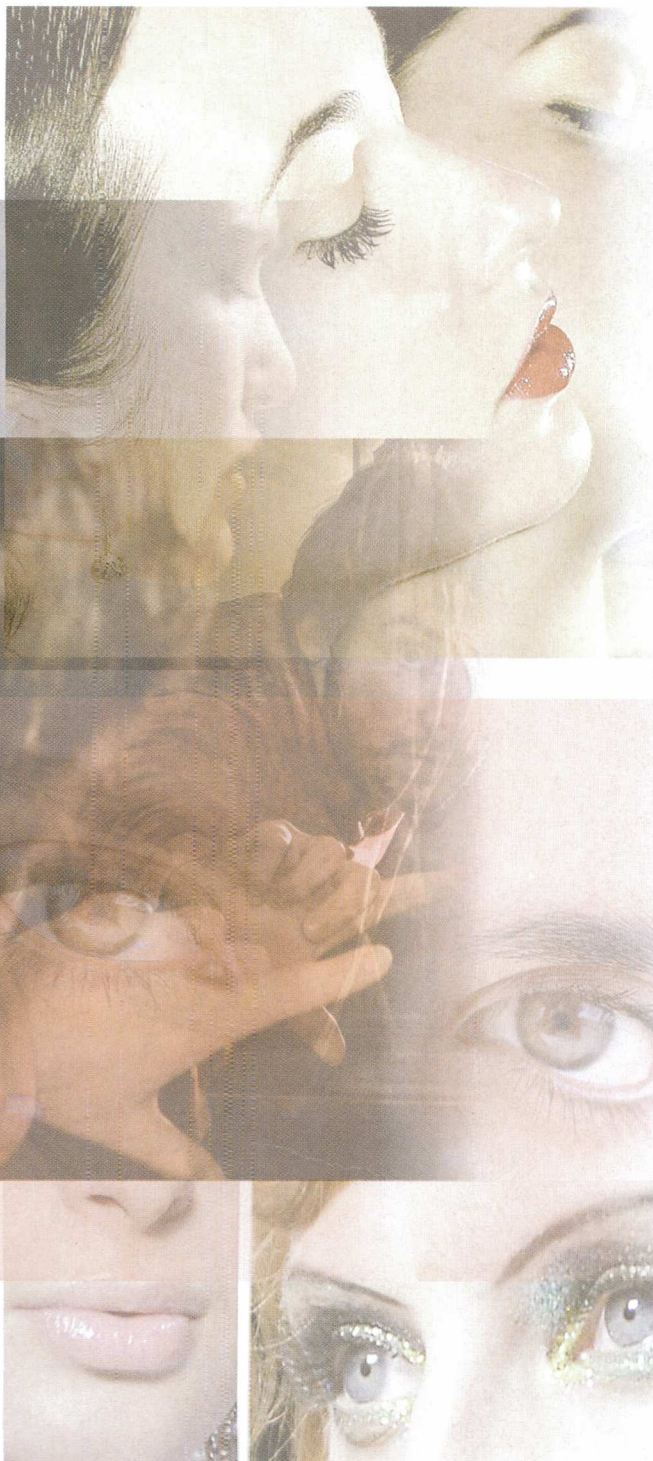
Feliz o grupo de canto que ajuda a comunidade a rezar quando canta!

Ir. Míria T. Kolling é irmã religiosa, compositora de música litúrgica e religiosa. Ministra cursos de canto pastoral. Contato: www.irmamiria.com.br ou miko3@superig.com.br



Pe. Zezinho

Não basta amar-se



Amar-se é muito importante, mas não é tudo. Amar é um verbo reflexivo que não faz sentido se não for também transitivo.

Amar o outro sem se amar é um erro, da mesma forma que amar-se, sem amar o outro, é falso.

“Eu me amo” sem “eu te amo” é egoísmo.

“Eu te amo” sem “eu me amo” é altruísmo errado.

Isso está na *Bíblia*, dito por Jesus, que ensinou que o maior dos mandamentos é amar a Deus acima de tudo, mas que o segundo mandamento é amar o outro como a gente se ama: “ao próximo como a si mesmo”.

Resumindo: Quem não se ama, não ama direito os outros e quem não ama os outros, não se ama direito.

Não é à toa que o outro, quando fala de si mesmo, usa a palavra “eu”. Ele é o eu do lado de lá e eu sou o eu do lado de cá.

E sem o outro eu nem sequer seria eu, porque meus pais foram dois outros que geraram o meu eu, mas a maioria dos pais teve que dizer primeiro um “eu te amo” antes de gerar os “eus” que são seus filhos.

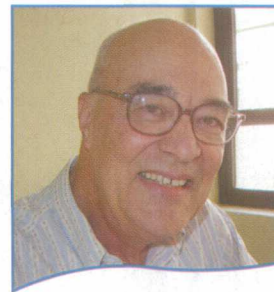
Filosofia demais? Então simplifiquemos tudo em apenas algumas palavras. Sem amar os outros eu não amarei nem a mim mesmo.

E sem amar a mim mesmo eu não amarei direito os outros.

Não moramos sozinhos em uma ilha. Ou amamos os outros ou não amamos de verdade.

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Deus, Pai e Mãe



Adelino Dias Coelho

Vejo-os passarem todos os dias. São mães e pais jovens, de meia-idade, outras vezes avós e avôs. Nas manhãs frias de São Paulo, heroicamente carregam com galhardia seus pequeninos. Vão em direção ao hospital infantil municipal, próximo de minha casa.

Como os admiro! O peso dos filhos nem o sentem. Apressados, determinados, passam por mim. São mulheres e homens anônimos que levam no peito o grande fogo do amor materno ou paterno que os impele ao doce cumprimento do dever.

Ao meu lado, no trabalho, reparo no brilho dos olhos de minha colega quando sai correndo para buscar os filhos (são dois) para o colégio, durante o horário de almoço. É uma luta cotidiana contra o relógio. Planeja, acerta com a empregada os detalhes. Têm que estar prontinhos, à porta de casa porque ela não pode perder um minuto. Se não, sairá tudo errado. E se algum engarrafamento acontecer, ela se aflige, porque os filhos vão chegar atrasados. E não pode! Ela nem se lembra que perderá o almoço e chegará atrasada ao trabalho.

Uma outra levanta-se às cinco, porque não pode perder o ônibus fretado. Vem lá do limite do município. Torce para que as marginais dos rios não estejam cheias de carros, retardando-lhe a chegada ao colégio, onde deixará seus filhos. Na maioria



Cláudio Gregianin, conf

das vezes (sem culpa), recebe advertências da diretora que ralha com ela quando se atrasa.

No meu bairro, conheço uma mãe-moradora-de-rua com dez filhos (quatro já morreram) para alimentar. Também da periferia. Vem procurar comida. “Lá não consigo nada” – diz-me ela com ‘aquele mesmo brilho’ nos olhos de fera guerreira, buscando ‘caça para os filhotes’ – “por isso venho pedir que me ajudem”. Quando consegue a comida, volta para seu barraco. Nem pensa nela e ainda arruma forças para visitar filho e nora presos.

Mas sei de pais também cujo cuidado com os filhos me faz pasmear. Dividem a tarefa com as esposas que não podem vir buscar os filhos porque trabalham. E eles as substituem, com carinho, atenção, acolhida, com um amor diferente do delas, mas nem por isso menos autêntico e com sentido de doação.

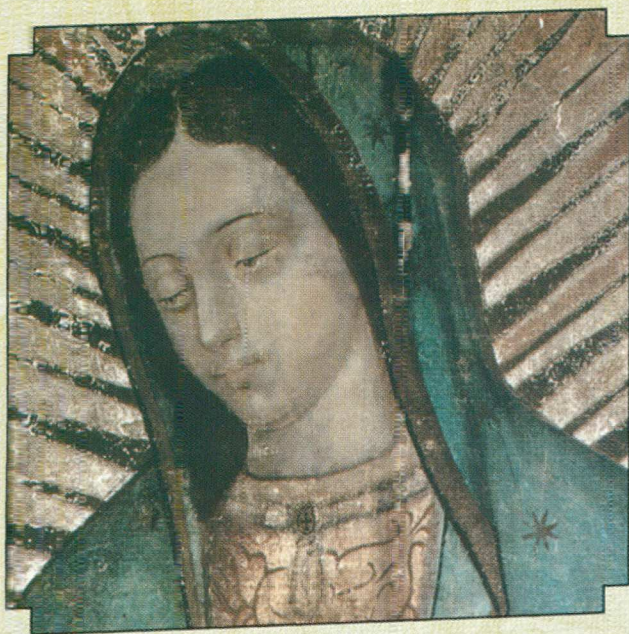
De onde lhes vem essa energia? Quem lhes ensina essa oração-concreta-cheia-de-vida? São a imagem viva da gratuidade, do desprendimento, da doação e do amor daquele que é nosso companheiro de jornada e que nos amou escandalosamente antes mesmo de termos nascido: nosso bom Deus, Pai e Mãe!

Adelino Dias Coelho é jornalista da editora e da revista *Ave Maria*

Padroeira da América Latina

A Virgem de **GUADALUPE**

Legado divino ou pintura humana?



Joel Romero Salinas

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Segundo a tradição da santa Igreja, as aparições da Virgem de Guadalupe aconteceram ao índio Juan Diego em meados de dezembro de 1531. Com base neste fato, a Igreja realizou vários estudos sobre o manto, no qual, até hoje, existe a pintura da padroeira da América Latina.

R\$ 12,90

Cód.: 1262

Formato: 12x18 cm

Páginas: 64

À venda nas melhores livrarias, pelo
televentas 08007730 456 ou no
site www.avemaria.com.br

AM
EDITORA
AVE-MARIA

103 anos de vida!



Dona Josephina Lobo Viana. Idade: 103 anos! Jamais poderia supor a idade daquela senhora que marcou entrevista por telefone com voz firme e mostrando lucidez de idéias. Nascida em Santos, SP, aos 9 de dezembro de 1903, d. Josephina veio para São Paulo ainda criança. Não se casou e atualmente mora com acompanhantes que lhe dão assistência no seu dia-a-dia.

Recebeu-nos muito bem, respondeu às perguntas que lhe fizemos e, ao sairmos, fez questão de nos acompanhar até o elevador.

Pedimos-lhe que nos deixasse uma mensagem para os jovens. Sua resposta foi de muita humildade: "Quem sou eu para dar uma mensagem?"

Como se não fosse mensagem o testemunho vivo que tínhamos diante dos olhos. Não o fato de ler sem precisar de óculos, nem tampouco sua participação da missa todos os domingos (até bem pouco tempo, era todos os dias) na igreja do Coração de Maria, em São Paulo, aqui ao lado da *Ave Maria*, mas a da bondade, simplicidade, qualidades que transpiravam de toda sua pessoa. E pensar que ela fez a primeira comunhão nessa mesma igreja e acompanha os claretianos desde aquela época.

Foi preciso a revelação feita por uma de suas acompanhantes, Yvete Dias da Rocha, para sabermos seu segredo de longevidade: não alimentar ódio em seu coração. "É uma pessoa boníssima!" disse-nos ela.

Em um momento de tanto ódio, no qual a sociedade odeia quem faz o mal, como outrora o povo no anfiteatro torcia pela morte dos escravos, d. Josephina deixa esse testemunho de sabedoria de bem viver: o perdão, a bondade, o amor.

Ao chegar ao elevador, desejamos-lhe, entre risos, muitos anos de vida. E d. Josephina, com toda a simplicidade, despediu-se dizendo: "Estou nas mãos de Deus. Seja como ele quiser!"

Obrigado, d. Josephina.



Fotos: Avelino Godoy



Caro Assinante,
homenageie também uma pessoa — exemplo de vida — de sua comunidade. É só nos indicar, que providenciaremos a entrevista.

Escreva para:
Revista *Ave Maria*

R. Martim Francisco, 636
São Paulo, SP- CEP 01226-000
ou pelo telefone (800-555 021
ou ainda revista@avemaria.com.br



José Wanderley Dias

Atos perante as palavras

A verdade que eu imponho é prepotência,
a verdade de que descreio é minha dúvida,
a que eu não pratico é mentira,
a que eu busco com sinceridade,
embora seja sujeito a erros,
me conduz seguramente pelo caminho!

O bem que eu não faço é mal,
o bem que me promove me corrompe,
o que eu distribuir aumenta,
e procurá-lo é começar a tê-lo!

O Deus que eu meramente cultuo
é minha superstição,
o que eu prego e não pratico,
é minha hipocrisia,
o que me serve, dele sou escravo,
e Aquele a Quem eu realmente sirvo
é quem me liberta!

O medo que eu enfrento é minha coragem,
o medo que me aterroriza é meu pesadelo,
o medo de ter medo é minha bravura...

O erro que eu compreendo
é o início da recuperação de quem erra,
o erro que eu aceito
é o incentivo que dou à perdição de quem o comete!

Não serei realmente maior quando o for entre grandes,
mas quando tiver a coragem
de ser menor do que os pequenos.

O silêncio ante a provocação pode ser heroísmo,
mas o silêncio ante a injustiça é seu aval e fiança,
sua garantia e impunidade!

A voz amiga fala mais alto
que o brado que insulta e oprime!

A noite só é desesperadamente escura,
não para aqueles que não podem ver as estrelas,
mas para aqueles que nem sequer as aguardam!

Pior do que a doença, é o remédio no frasco fechado,
do mesmo modo, pior do que o ódio,
talvez seja o amor negado!

Não há inferno mais terrível do que o céu
que não se pode alcançar,
não há desgraça mais profunda,
do que a felicidade inatingível.

Quem, lançado ao chão,
ainda vir o céu e enxergar os astros,
e lhes erguer as mãos e alçar o pensamento,
ainda não caiu de todo;
mas o que estiver no alto,
e não vir, nem se lembrar do que está embaixo,
quando cair, cairá para sempre!

Julgar é acreditar-se superior ao erro,
e aí começa o erro;
é ter-se como melhor que quem errou,
e aí somos realmente inferiores;
é fechar a porta à compreensão,
e aí nos condenamos a nós mesmos!

Saber é muito mais compreender do que entender,
por isto a pior ignorância é a que se oculta na erudição,
que se disfarça no conhecimento,
que se dilui e se dissolve no saber sem sabedoria!

... e somente seremos verdadeiramente livres,
quando presos a uma idéia que nos liberte;

... e somente amaremos verdadeiramente,
quando o ódio não nos atingir e não nos ferir;

... e somente seremos dignos de ser lembrados, quando
esquecermos os esquecimentos de que fomos vítimas;

... e somente alcançaremos,
quando dermos de nós para que alguém alcance!

José Wanderley Dias (1935-1992), Curitiba, PR,
jornalista, poeta, escreveu para a revista *Ave Maria*
entre as décadas de 1960 a 80.

*Este poema foi publicado na revista Ave Maria de 28
de fevereiro de 1978, p.16.*

A vocação sacerdotal e bioética



Pe. Ricardo Hoepers

Neste mês vocacional é interessante ressaltar sobre o valor da Bioética na formação sacerdotal. Os meios de comunicação têm dado uma ênfase muito grande aos temas relacionados à vida. Como poderíamos aprimorar a formação sacerdotal para essa realidade?

O primeiro passo é investir na formação permanente. Mesmo após seus estudos, o sacerdote precisa estar em contínua busca de conhecimento aprimorando sua teologia e sua espiritualidade: "A formação permanente ajuda-o a vencer a tentação de reduzir o seu ministério a um ativismo que se torna

fim em si mesmo, a uma impessoal prestação de coisas mesmo espirituais ou sagradas, a um mero emprego ao serviço da organização eclesial. Só a formação permanente ajuda o padre a guardar com amor vigilante o mistério que traz em si para o bem da Igreja e da humanidade" (PDV, n° 72).

Esse amor vigilante precisa ser reavivado diante de tantas ameaças à vida. Se, de fato, o sacerdote é pastor de almas, tem que se envolver com a vida e sua defesa moral. Dom Orlando Brandes, de Londrina, faz um resumo do Documento de Aparecida (n° 109-113) com algumas agressões à vida que compadecem um coração sacerdotal e o impelem a uma ação profética: 1) A degradação da natureza; 2) A Exclusão; 3) As estruturas de morte; 4) A idolatria; 5) A falta de sentido; 6) A despersonalização; 7) O desespero; 8) O individualismo; 9) O subjetivismo; 10) O aborto e a eutanásia; 11) As drogas; 12) A cultura da morte; 13) A globalização; 14) A violência.

Fundamentados no Evangelho de Cristo, nos documentos do Magistério e na Bioética personalista, o padre é chamado a viver a radicalidade de sua vocação como um outro Cristo, dando sua vida para salvaguardar os indefesos e inocentes. Por isso, uma adequada formação em Bioética ajudará no discernimento dos caminhos da vida e caminhos da morte. No mesmo Documento de Aparecida (464-469) encontramos os eixos da cultura da vida que devemos priorizar na formação permanente: 1) A vida é Dom de Deus

e tarefa; 2) Bioética; 3) Prioridade da vida; 4) A vida da criança e do idoso; 5) Luta pela vida desde a fecundação; 6) Oferecer formação sobre a vida; 7) Moral familiar; 8) Promover congressos, painéis e fóruns; 9) Criar comitê de Bioética; 10) Universidades Católicas ofereçam pesquisas; 11) Ajudar os casais; 12) Acolher com misericórdia quem praticou o aborto; 13) Ter leigos competentes que organizem a defesa da vida; 14) Assegurar o direito à objeção de consciência.

Para o monsenhor Sgreccia, presidente da Pontifícia Academia para a Vida, no sacerdote deve-se encontrar pelo menos cinco características relacionadas à Bioética: 1) Ele é um especialista em humanidade, tem paixão pela humanidade; 2) Um testemunho da transcendência no mundo secular; 3) Um mediador ecumênico aberto ao diálogo; 4) O representante da Igreja ao serviço do bem integral do homem; 5) O defensor da consciência.

Diante dessa responsabilidade, que todos os sacerdotes possam realizar, na sua pessoa, o encontro de Cristo com o povo cansado e abatido como ovelhas que não têm pastor (Mateus 9,36) e realizem, assim, sua vocação a serviço da Igreja como discípulos-missionários de Jesus Cristo em defesa da vida.

Pe. Ricardo Hoepers é mestre em Educação pela PUC/PR e professor de Bioética e Moral Sexual do Studium Theologicum, Curitiba, PR. Contato: rhoepers@uol.com.br

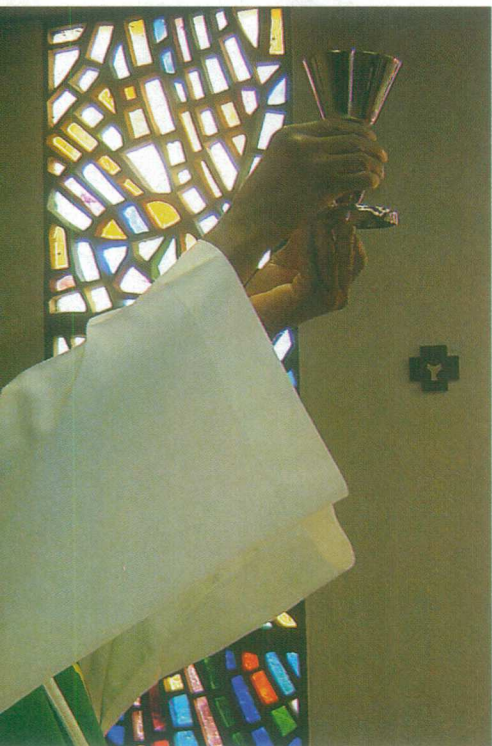
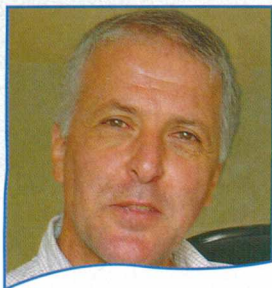


Foto: Avelino



Pe. José Alem, cmf

Não te deixes levar pela tristeza, e não te abandones às idéias sombrias. O bom humor, eis o que prolonga os dias (Eclesiástico 30,22).



O sorriso e o riso têm qualidades medicinais. O humor é um sério fator de equilíbrio. Ele nos ajuda a tomar distância de nós mesmos, a colocar todas as coisas em perspectiva e a desdramatizar os acontecimentos. O humor ajuda a suscitar um novo aspecto, um significado inesperado, uma dimensão diferente e imprevisita, de modo que a tragédia possa revelar sua própria comédia.

O humor dissimula, aponta o absurdo de certas respostas nas aparências razoáveis e o ridículo dissimulado por trás do solene. Destaca a incerteza que envolve toda certeza e realça o lado divertido da vida, a aresta aberta nos princípios tidos como imutáveis, das verdades pretensamente objetivas.

Quem se toma muito a sério faz de si mesmo um absoluto e suporta mal o humor que põe em risco sua couraça. O humor diz a verdade e despoja as coisas e pessoas de suas aparências.

O humor conduz à fé, pois é o dedo que aponta na direção certa. E a nós cabe olharmos mais longe que o dedo!

O humor permite que não nos liguemos demais às coisas sérias, e menos ainda às trágicas. Nada melhor para fazer que alguém possa criar distância entre si próprio e o que quer que seja do que o humor.

O humor ainda permite rir dos

acontecimentos restituindo-os à sua posição no grande universo que é a existência humana. Um pequeno revés torna-se então tão ridículo que seria demais ligar para ele. Mesmo quando o humor permite ressaltar os defeitos dos outros, com tato e respeito, permite viver feliz e divertir. Quando é humor mesmo, ele tem consciência dos limites que não pode ultrapassar.

Ainda não tomamos o humor suficientemente a sério. Afinal, “o humor é um fenômeno humano — só o ser humano possui tal capacidade, nenhum animal é capaz de rir — que, por suas características, possibilita ao homem o distanciar-se de qualquer coisa e de quem quer que seja, e de si mesmo também, conseqüentemente, para se fazer inteiro senhor de sua pessoa” (Viktor Frankl — psiquiatra austríaco, 1905-1997).

O humor pode manifestar-se em nós em qualquer situação, até diante das mais dolorosas. O humor permite entender que tudo o que acontece não é tudo, que há algo mais profundo, independente. Pois temos em nós algumas certezas pré-reflexivas, pre-existenciais que mantêm aquela reserva de esperança na vida.

O humor mostra que existem certezas que são prévias e ulteriores a todo aprendizado formal, científico,

acadêmico, racional. Há algumas certezas profundas na alma humana que providenciam as forças para a gente rir e encontrar razões para ser feliz.

O humor mostra que nossa existência consciente não pode explicar tudo e que há momentos que são “iluminados” não só através de nosso esforço, mas sobretudo de nossa capacidade de perceber que a vida não se esgota em um acontecimento e que cada acontecimento tem seu lado trágico e cômico, e por isso é possível não parar nos fatos mas no seu sentido mais profundo.

Há em nós certezas enterradas, reprimidas mais que os complexos e traumas. Temos algumas certezas interiores que são mais fortes que nossas resistências e que permitem que possamos olhar a vida de um modo mais divertido, atraente, prazeroso, com esperança.

No fundo a gente não perde a esperança de que viver é uma festa e que mesmo adultos conservamos em nós a seriedade da criança. E se a vida é uma festa, então é possível se divertir, se alegrar, não há nada a temer, tudo se pode suportar.

Pe. José Alem é missionário claretiano, educador, comunicador e autor do livro *Vida e Sentido*.
Contato: josealem@bol.com.br

Paulo de Tarso (3)

Escritor e poeta



Regina Maria de Almeida

No dia 28 de junho teve início o Ano Paulino, convocado por Bento XVI para celebrar o jubileu de 2 mil anos do nascimento do apóstolo Paulo. É um *kairós*, um tempo da graça do Senhor, motivo de *júbilo* para todos os que se deixam maravilhar pelo jeito especial e empolgante desse apóstolo testemunhar sua fé. Aqui damos continuidade à terceira parte do tema.

Paulo criou a comunicação escrita para o Novo Testamento, sendo também quem mais escreveu. Suas cartas são anteriores aos evangelhos (Paulo escreve nos anos 50 d.C., e o primeiro evangelho, o de Marcos, data dos anos 70 d.C.).

Seus escritos não são elaborações nascidas no conforto de um escritório, dirigidas a um público anônimo. São cartas inflamadas de amizade, ânimo e correção fraterna a pessoas e comunidades concretas.

Ele escrevia em condições precárias. E, na maioria das vezes, não fazia isso sozinho. Ele cita companheiros de missão na saudação inicial ou nas lembranças finais das cartas (Rm 16,21-23; 1Cor 1,1; 16,19; 2Cor 1,1; Gl 1,2; Fl 1,1). Geralmente as ditava a um secretário (Rm 16,22) e, no fim, as assinava (Gl 6,11; 1Cor 16,21). Parece que só a carta a Filemon foi escrita inteiramente de próprio punho.

Paulo foi um missionário itinerante, fundador de comunidades. Só alguém assim poderia sentir a necessidade de escrever cartas ao invés de resumos de doutrinas. Estas apareciam espontaneamente em seus escritos, de acordo com a realidade de cada lugar e de cada momento.

Ele escreveu muitas cartas. Nem todas foram conservadas. A ordem que as Bíblias utilizam para apresentá-las é a do tamanho: da maior para a menor. Mas, seria melhor lê-las em uma ordem cronológica. Essa ordem, no entanto, ainda é muito discutida pelos estudiosos. Sugerimos um roteiro:

1. **Cartas escritas por Paulo:** 1Ts, Gl, 1 e 2Cor, Fl, Fm e Rm;
2. **Cartas escritas por uma primeira geração pós-Paulo:** 2Ts, Cl e Ef;
3. **Cartas escritas por uma segunda geração pós-Paulo:** 1 e 2Tm e Tt;
4. **Escrito que não tem o estilo paulino:** Hb.

Nas cartas de Paulo encontramos:

- **fragmentos que lembram o modo tradicional de confessar a fé** (antigo *querigma* = primeiro anúncio): 1Ts

1,10; Gl 1,4; 1Cor 15,3-4; Rm 1,2-5;

- **fórmulas litúrgicas:** eucarísticas (1Cor 10,16; 11,24-25); **preces** (1Cor 16,22 = Maranata); **ações de graças** (1Ts 1,2-4; 1Cor 1,4-9; 2Cor 1,3-7; Fl 1,3-11; Rm 1,8; Fm 4-7); **profissão de fé** (1Cor 8,6); **bênção** (Gl 6,16; Fl 4,23; 2Cor 13,13; Fm 25); **benditos** (2Cor 1,3; 11,31; Rm 1,25; 9,5; 11,36; 16,25; Gl 1,5; Fl 4,20);

- **hinos citados, adaptados ou compostos por Paulo:** 1Cor 12,31-14,1; Fl 2,6-11; 1Ts 5,14-22; Gl 5,16-26; 2Cor 4,7-10.16-17; 6,3-10; 11,23-31; Rm 8,31-39; 16,25-27;

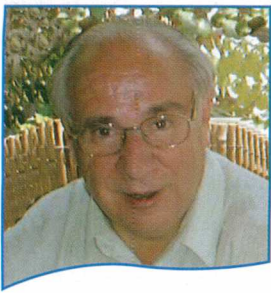
- **exemplos de discurso apostólico**, principalmente na oposição entre morte/ressurreição, fé/obras, letra/espírito, ciência/sabedoria, sofrimento/glória, carne/espírito, etc.;

- **brilhantismo na apresentação das idéias** (exemplos: 2Cor 8,1-24; 9,1-15);

- **emprego das Escrituras:** utiliza 89 citações do Antigo Testamento;

- **exortações morais** com catálogos de vícios e virtudes, além de instruções domésticas (Gl 5,19-23; 1Cor 10,14-11,1; Rm 14,1-15,7).

Regina Maria de Almeida é teóloga, assessora bíblica do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), São Paulo.
www.partilhando.com.br
reginama6@uol.com.br

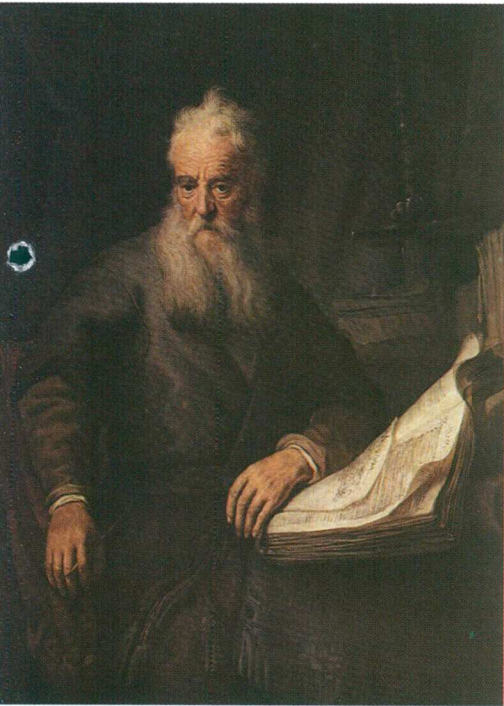


Pe. Jordi Sánchez Bosch

Apóstolo

entre os gentios

Perseguidor da Igreja



Ser judeu fora da Terra Santa não era nada fácil. A prática dos dez mandamentos não era normal no mundo pagão, porém conferia aos judeus fama de gente honrada e trabalhadora. Por outro lado, a circuncisão e os milhares de escrúpulos na alimentação os tornavam gente estranha, que vivia separada e parecia suspeita.

Muitos judeus se deixavam levar pela corrente e abriram mão daquelas práticas. Com isso perdiam o contato com a comunidade original e se confundiam com os circunstantes: agiam de modo parecido com os antepassados na Babilônia que, ao soar a hora de voltar à Terra Prometida, tinham preferido ficar no próprio exílio.

Paulo entendia que isso não podia acontecer: Deus os havia chamado para serem o povo eleito e por isso devia manter-se fiel até o fim dos tempos. Por estranhas que parecessem, as práticas da Lei eram um sinal de identidade. Quem começava a não cumprir, criticar as práticas, terminava sendo um pagão como os demais.

Uma vez, em suas viagens a Damasco e a Jerusalém, descobriu que sua política de identidade estava recebendo um ataque frontal. Alguém, um mestre Galileu idolatrado de modo suspeito por seus discípulos, havia dito que o homem não tinha sido criado para o sábado, senão o sábado para o homem, e a alguém que se preocupava com enterrar seu pai, tinha dito: “Deixa que os mortos entrem seus mortos”.

Ora, isso não constituía apenas um pormenor da Lei que era discutida, senão os dez mandamentos que Deus dera a Moisés nas tábuas de pedra. Por isso, com a melhor boa-fé, acreditando que era vontade de Deus, entendeu que devia eliminar a seita do Mestre galileu.

“Eu vi o Senhor”

Paulo manifestava sua aversão aos cristãos. Para ele era evidente que, sobretudo em terra pagã, quem por alguma razão (no caso o “sábado é para o homem”) abandonasse a prática da Lei acabaria sendo um pagão a mais.

Mas o próprio Mestre o convenceu do contrário. Apareceu-lhe com toda a sua glória e lhe falou com pala-

vas convincentes, porque Paulo não era homem que mudasse de opinião com qualquer explicação.

O que o preocupava era manter a Lei como um muro espiritual que evitasse a contaminação com os pagãos. Cristo lhe disse que convinha derrubar o muro, ir aos pagãos e comunicarlhes os tesouros que a tradição milenar de Israel havia acumulado e que havia ficado escondido até aquele momento: *Manifestou-me seu Filho, para que eu o anunciasse aos pagãos.*

O mesmo Pai lhe revelara o principal conteúdo do Evangelho cristão: o “Filho de Deus”. Ao mesmo tempo lhe tinha dito que, na missão de anunciar o grande mistério, ele não seria um operário qualquer, senão um autêntico líder: “apóstolo (= enviado), não dos homens, nem por mediação de um homem”. O que aos Doze haviam dado vários anos de convivência com Jesus, deu-se com ele naquela manhã (ou naquela tarde) com o Mestre.

Como apóstolo, não devia entrar em conflito com os que já o eram antes dele (a Igreja que Cristo tinha fundado e ele havia perseguido). Um certo Ananias, da comunidade de Damasco, foi em busca dele, batizou-o em nome de Jesus, lhe falou dos Doze e de outra série de lembranças que já formavam parte da identidade cristã.

Professor emérito da faculdade de Teologia da Catalunha, doutor em Sagrada Escritura e ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica de Roma.

Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei...



Pe. Nilton César Boni, cmf

*Salve Rainha,
Mãe de Misericórdia,
vida, doçura, esperança
nossa, salve!
A vós bradamos,
os degredados
filhos de Eva.
A vós suspiramos,
gemendo e chorando
neste vale de
lágrimas. Eia, pois
advogada nossa...*

Esta oração originou-se por volta do ano 1098 com o monge Germano Contractus.

Na edição de fevereiro iniciamos a meditação das primeiras palavras: "Salve-rainha".

Este mês, refletiremos sobre a sexta parte da oração:

"Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei..."

Quando nós entramos em uma igreja, capela e até mesmo em uma loja de artigos religiosos para ver ou adquirir uma imagem, a primeira coisa a observar antes da escolha são "os olhos". Nós estamos acostumados a ver as imagens, rezar diante delas, levá-las para casa sem antes conhecê-las e ver se nelas estão os traços da piedade que motivou aquele santo ou santa a dar a vida por Cristo. Podem até se perguntar, mas por que devemos observar os olhos? A explicação é fácil: há algum tempo, um amigo, sacerdote e artista (padre José Alberto Spíndola, cmf) disse-me que os "olhos de um santo devem retratar e deixar transparecer a piedade". Concorro plenamente com esta afirmação, pois retrata a divindade da alma.

Na oração que estamos meditando nos é oferecida a oportunidade de contemplar o olhar de Maria. Essa experiência deve ser feita por cada um de seus filhos. Quando você estiver diante de uma imagem de Maria, pode ser um quadro, uma estampa, não deixe de olhar nos olhos dela. Esses olhos misericordiosos nos falarão tudo de que precisamos ouvir antes mesmo de dizermos uma palavra. Faça um exercício com sua imaginação diante das cenas bíblicas que mostram a ternura de Maria.

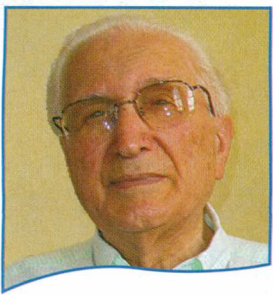
Imagine Maria diante do anjo com seu olhar de espanto e admiração. Pense na cena do nascimento de Jesus quando Maria olha pela primeira vez para o menino, que maravilha! Imagine quando ela visitou Isabel e foi chamada de bem-aventurada, seus olhos brilharam de tanta alegria! Imagine seus olhos atentos nas bodas de Caná, quando faltou vinho e ela viu o milagre

acontecer! Imagine Maria aos pés da cruz agora com seu olhar de dor, de tristeza, de solidão, lembrando da espada amarga em seu coração! Imagine a mãe no Pentecostes sendo consolada pelo Espírito!

Ao longo de sua vida, os olhos de Maria contemplaram o profundo amor de Deus. A piedade sempre a envolveu. Poderíamos até substituir "olhos misericordiosos" por "esses olhos piedosos" que nos conduziriam igualmente ao centro do mistério de Cristo. Não podemos confundir piedade que significa "amor e respeito pelas coisas sagradas" com puritanismo, que não condiz com atitudes santificadoras. A piedade caminha com a misericórdia. Um coração piedoso sabe acolher, não julga, não aponta os erros, não condena, simplesmente volta-se para o céu. Por isso, os santos sempre estão com os olhos voltados para o céu, pois para olhar por nós antes de tudo buscam a luz de Deus, vêem Deus e nos tocam com o seu amor.

Maria será sempre a mãe misericordiosa e piedosa a nos olhar desde o céu. Em linguagem simbólica, Maria nos olha desde cima, nos toca a alma, para que do nosso frágil barro nos elevemos ao Altíssimo. A graça desce e nós ascendemos! Peçamos a Maria que nos conceda muita luz para olharmos as pessoas com piedade e respeito, com dignidade e compaixão. Quando sentirmos desaparecer a chama da fé, olhemos para o céu ou para os olhos de Maria. E, se isto nos faltar, olhemos para quem está próximo. Deus aí está! Que espetáculo!

Pe. Nilton César Boni é
sacerdote, missionário claretiano.
niltonboni@claretianas.com.br



Pe. Roque V. Beraldi, cmf

Nossa Senhora da Lapa

Maria na devoção popular

Uma menina chamada Joana, muda de nascença, em 1498, brincava próximo de uma gruta na região de Quintela, Portugal. Antes, por volta do ano 983, o califa mouro de Córdoba invadira essa região destruindo cidades, vilas e tudo o que encontrava. Perseguiu, sobretudo, os cristãos. As religiosas beneditinas do convento em Aguiar da Beira também sofreram com a invasão. Algumas escaparam e esconderam nessa gruta uma pequena imagem de Nossa Senhora.

Nas suas brincadeiras, a pequena Joana, entrando na gruta, deparou com a imagem escondida. Pensando ser boneca levou-a consigo para brincar. Sua mãe, porém, irritada, não observando de perto do que se tratava, atirou a imagem no fogo. A menina, na mesma hora, recuperando milagrosamente a fala, protestou contra a atitude da mãe que, no mesmo instante, ficou com seu braço direito paralisado. Espantada, a mãe seguiu a menina, que foi mostrar o lugar onde havia encontrado a imagem.

Inteirando do que acontecia, a mãe recuperou os movimentos do braço. Mãe e filha se ajoelharam para agradecer a Deus por meio de Maria as maravilhas que acabavam de presenciar. A vizinhança, sabendo do acontecido, acorreu para louvar a Deus e pedir graças. Todos diziam: Nossa Senhora da Lapa. Diante dos maravilhosos milagres acontecidos, não demorou muito tempo para construírem sobre a rocha uma belíssima igreja que até hoje atrai numerosa peregrinação.



Capela de Corvalhal, Freguesia de S. Pedro de France

A devoção a Nossa Senhora da Lapa foi trazida ao Brasil pelos portugueses, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro. No Paraná, encontramos o município da Lapa, com a paróquia do mesmo nome. A arte cristã representa Nossa Senhora da Lapa por meio de uma linda jovem de pé entre as nuvens. Permanece de mãos postas em atitude de oração. Está rodeada de esplendores. Uma coroa adorna sua cabeça como rainha do céu e da terra, e uma pomba pairando sobre ela é a figura do Divino Espírito Santo.

Maria com seus modos de estar presente e agir entre o povo demonstra a todos nós que nossa missão não é

tarefa só para as periferias, mas abrange todo o mundo. Alerta o povo para entender que na Igreja todos somos instrumentos da missão que nos leva até Deus. O Concílio Vaticano II observava: "A missão é uma iniciativa de Deus que, num movimento de amor, sai de si mesmo e vem ao encontro do mundo, ao nosso encontro para nos salvar, libertar, curar, dar-nos vida" *Ad gentes* (Aos povos) cap. I. *De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único para que todo aquele que nele crer não pereça. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele* (João, 3,16-17).

ORAÇÃO

Senhora, Mãe Maria, que mantendo o coração ardendo de amor por Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, empregais todos os meios para atrair o povo ao aconchego divino, dai que pelo título de Lapa, tomemos consciência de que somos templos do Deus vivo, para adorná-lo com as virtudes da fé, da esperança e da caridade, de valor maior que pedras preciosas. Amém!

Pe. Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Vocação e realidade juvenil



Luciana de Castro Siciliani

O mês de agosto é celebrado pela Igreja em todo mundo como mês das vocações. É, portanto, o mês para refletir a missão que o Senhor nos destinou. Vocação é dar rumo e sentido à vida. É dom de Deus que precisamos descobrir e seguir.

A juventude, de um modo geral, sonha com muitos caminhos e realizações. Mas, nem todo sonho traz felicidade. Para ser feliz, o jovem precisa descobrir qual é sua verdadeira missão. E nessa busca deve procurar enfrentar, com seriedade, o presente. Mas também precisa ter consciência de que ser pessoa digna e ser cristão é a primeira grande vocação a que todos somos chamados e à qual está ligada qualquer outra vocação particular.

Toda escolha de vida é digna e boa, mas deve gerar um compromisso, por exemplo, quem se casa, se compromete a ser fiel ao amor que dedica à pessoa a quem ama; os consagrados se comprometem a amar, com exclusividade, o Senhor da vida, e por cau-

sa dele todas as pessoas de mundo a quem servirão em diversas maneiras; os solteiros, também eles, se comprometem a amar, porque, caso contrário, sua vida não teria sentido.

Como se vê, a teoria parece simples, mas na prática a realidade é outra. Concomitantemente a decisão que o jovem deverá tomar sobre qual caminho seguir enfrentará o impacto das influências da cultura pós-moderna, em razão do novo contexto de crescimento econômico e do nível de escolaridade.

Cada vez mais as pessoas têm mantido menos vínculos com a Igreja. Buscam-na para momentos mais íntimos da vida humana como, por exemplo, o batismo, o casamento, a morte. É uma atitude de ateísmo prático. Às vezes professa fé em Deus, mas, na vida prática, atua como se Deus não existisse.

Neste novo quadro, a Igreja também sofre contínuos ataques dos meios de comunicação de massa e da sociedade civil que a acusa de abuso de poder, de

falta de transparência, de abusos sexuais — como pedofilia — e da falta de sincronia com o mundo moderno.

Na medida em que avançam, a cultura moderna e a pós-moderna, impulsionadas pelos meios de comunicação e o ambiente de progresso das grandes cidades, desaparece a cultura católica e suas estruturas de apoio.

A Igreja no Brasil enfrenta a falta de fé dos jovens. Mas as crises fazem parte da história provocam o crescimento e a evolução da humanidade. É provável que estejamos passando por uma delas, mas o importante é criarmos oportunidades para que a juventude possa se reencantar com as instituições e redescobrir que elas podem ser instrumentos para uma vida social melhor, quando desalienam as pessoas e permitem que elas sejam mais felizes.

Você, que é jovem ou trabalha com juventude, seja fermento na massa que evangeliza, persista na missão de encorajar sua verdadeira vocação, mas não esqueça de ajudar, com dinamismo, outros jovens a construir o seu projeto de vida, integrando nessa obra o processo de educação na fé, pois sem ela o amadurecimento humano e cristão dos jovens fica incompleto.

“O único evangelho que muitas pessoas vão ler é nosso exemplo de vida” (Dom Helder Câmara).

Luciana de Castro Siciliani é advogada, participante da Pastoral da Juventude e coordenadora do Curso de Dinâmica para Líderes. lucici@hotmail.com



GRUPO DE CANTO DA PARÓQUIA IMACULADA CONCEIÇÃO, SÃO FAJÃO, SP.

Todos somos chamados

O mês de agosto é dedicado às vocações de modo geral.

A palavra vocação deriva do verbo latino VOCARE, que significa "chamar". É a tradução do termo "vocatione", que quer dizer chamado, apelo, convite. Na raiz está "vox", "vocis", "voz".

A vocação é o chamado de Deus dirigido a toda pessoa humana, seja em particular, seja em grupo, em vista da realização de uma missão ou serviço em favor da comunidade. Vocação é o chamado do Pai por meio de

Jesus Cristo na força dinamizadora do Espírito Santo, com a finalidade de realizar plenamente a pessoa humana. É dom, é graça, é eleição cuidadosa, visando a construção do Reino de Deus.

É um chamado para fazer algo, para cumprir uma missão. Toda pessoa é vocacionada, é eleita por Deus para a vida. A mensagem do Evangelho é um convite contínuo para seguir Jesus: Vem e segue-me. (Mt 9,9 ; Mc 8,34; Lc 18,22; Jo 8,12).

(Serviço de Animação Vocacional - www.ibr-online.com.br)

ORAÇÃO VOCACIONAL

Senhor, pelo batismo,
 chamaste-me a formar, com meus irmãos,
 independente de cor, sexo ou raça,
 uma comunidade de fé, de esperança e de vida,
 isto é, a Civilização do Amor.
 "A messe é grande... e poucos são os operários."
 "Eis-me aqui, Senhor, envia-me!"
 Eu quero servir-te, servir ao povo, em suas necessidades.
 Dá-me tua luz e tua graça para descobrir e seguir,
 com coragem, a vocação a que me chamaste,
 como caminho de minha felicidade.
 Maria, Mãe e modelo de todas as vocações,
 ensina-me a cumprir a vontade de Deus,
 agora e por toda a vida. Amém.

Se deseja atender a uma vocação específica... a sacerdotal:

Venha ser um missionário claretiano!

Entre em contato com: Sidney Teixeira da Silva - pesydots@yahoo.com.br

A palavra é...



Pe. Maciel M. Claro, cmf

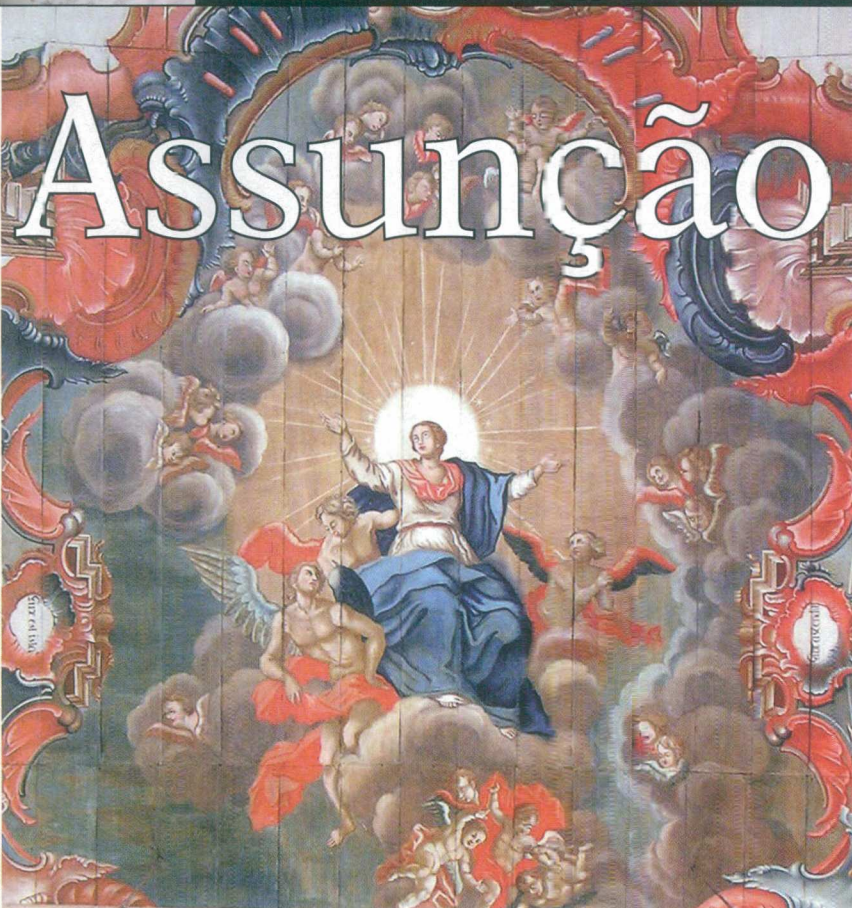


Foto: Nereu - Santa Bárbara/Santa Bárbara, MG - BrazilFotos

Assunção

Assunção de Nossa Senhora aos céus é a grande solenidade litúrgica do mês de agosto. É celebrada no dia 15 de agosto, mas no Brasil é celebrada no domingo seguinte, neste ano, no dia 17. A solenidade da Assunção celebra a elevação de Maria em corpo e alma à eternidade para junto de Deus de forma definitiva.

A palavra assunção tem a mesma raiz que a palavra *assumir* e, portanto, um significado semelhante. Assunção deriva do latim *assumptionis*, que significa “ação de tomar, de receber, de assumir algo, apropriar-se”.

Não devemos confundir assunção com ascensão. São palavras com significados diferentes. Na assunção Maria

foi sujeita passiva. A assunção é um ato de Deus. Deus elevou Maria até o céu em corpo e alma. Na ascensão, Jesus foi ativo. À vista dos discípulos, se elevou até o Pai. Maria foi elevada. Deus a tomou para junto de si.

A Assunção de Maria é um dos quatro dogmas marianos. Este dogma foi proclamado pelo papa Pio XII, no dia 1º de novembro de 1950, na constituição *Munificentissimus Deus* (*Generosíssimo Deus*): “Declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que Maria Imaculada, mãe de Deus, sempre virgem Maria, no fim do curso de sua vida terrestre, foi assumida em corpo e alma à glória do céu”.

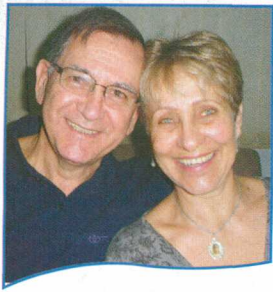
A declaração do dogma da Assunção está diretamente ligada a outro

dogma: a Imaculada Conceição, promulgada por Pio IX, em 8 de dezembro de 1854. Nesse dogma, a Igreja afirma a santidade original de Maria. A mãe de Jesus foi concebida em graça e sem pecado original.

Essa relação entre os dois dogmas é confirmada pelo Catecismo da Igreja Católica: “Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assumida em corpo e alma à glória celeste. E para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como rainha do universo.” A Assunção da virgem Maria é uma participação singular na Ressurreição de seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos” (nº 966).

Maria, diferente de nós, não precisou esperar o fim dos tempos para receber um corpo glorificado. O que para nós é uma meta a ser atingida, para a virgem Maria já é uma realidade. Ele já está junto de Deus com seu corpo transformado, cheio de graça e luz. Deus a assumiu, a tomou para si. Transformou seu corpo, suas ações e sua história. Do céu, junto com seu Filho, intercede por cada um de nós.

Pe. Maciel M. Claro é sacerdote, missionário claretiano. Contato: maciel@avemaria.com.br



João Bosco e
Aparecida Eunides

Pastoral familiar: serviço da Igreja à família (2)

Iniciamos no mês passado algumas reflexões sobre a Pastoral Familiar, que é um serviço tão urgente e necessário, mas que muita gente ainda não conhece. A Pastoral Familiar tem um Diretório com orientações para os agentes e todos os que se interessarem, bem como outros subsídios publicados através da Comissão Nacional de Pastoral Familiar — CNBB. O papa João Paulo II, no documento *Familiaris Consortio* (A comunidade familiar, 1981), traçou a base de todo o trabalho que se desenvolve até hoje.

O que é Pastoral Familiar? De forma sintetizada, “é um serviço da Igreja, de apoio à família, a partir da realidade em que se encontra, para que possa existir e viver dignamente, estabelecer relacionamentos e formar as novas gerações conforme o plano de Deus”. Sua área mais específica trata dos relacionamentos fundados em valores evangélicos. Esses relacionamentos devem ser da pessoa com Deus, consigo mesma, com o cônjuge, filhos, familiares em geral. É claro que os relacionamentos familiares influenciam na comunidade, no trabalho, na mídia, na política, enfim, em todas as esferas sociais.

Para que o trabalho da Pastoral Familiar produza frutos, é necessário que seja articulado com outras pastorais, movimentos e serviços da Igreja. Ela não pode e não deve fazer sozinha todo o trabalho relacionado à família. Fazemos parte de um corpo onde cada membro tem sua função. Por isso devemos ser uma pastoral orgânica. É importante também contar com forças de fora da Igreja, como por exemplo profissionais (médicos, psicólogos, advogados, educadores, comunicadores com os recursos da comunicação e outros), conselho tutelar, organismos que tratam com alcoolismo, dependência química e outros.

Como vemos, apesar de brevemente, a pastoral familiar não é um

grupo de casais que se reúne periodicamente e fica apenas nas reuniões. É um grupo de pessoas que arregaçam as mangas e vão em busca daqueles que estão excluídos, marginalizados, afastados, feridos. As famílias estão cada vez mais sem rumo. Muitos casais, às vezes, não conseguem ver uma saída para um relacionamento que parecer acabou. Os pais ficam confusos na educação dos filhos. Qual é a saída? Buscar a proximidade com Deus, consigo e com aqueles a quem você ama. Como? Esta é a especificidade da Pastoral Familiar. Ajudar as pessoas e as famílias nesta busca.

Portanto, se você já é atuante em sua paróquia, continue firme. Se ainda não começou, peça que o Espírito Santo o(a) ilumine e vá em frente. Não espere ficar pronto porque isso não acontece. Nós estaremos sempre em caminhada, crescendo e aprendendo. Busque formação e principalmente proximidade com Deus. O importante é começar dentro da própria casa, pois o testemunho é o melhor trabalho que um agente faz. Procure seu pároco e coloque-se a serviço. Deus abençoe sua família.

**Aparecida Eunides e João Bosco
Lugnani, do grupo de Formação
Presencial do Instituto
Nacional da Família e da
Pastoral Familiar – CNBB.
boscoeunides@netpar.com.br**

Fúria



João Vicente Ganzarolli de Oliveira



Fritz Lang, Viena, Áustria, 1890 -1976



Drama sobre homem, em uma cidade pequena, preso por um crime que não cometeu, só porque estava no lugar errado no momento errado. O xerife rapidamente sofre a pressão de uma multidão cada vez mais impaciente e violenta, e a situação se complica.

Fúria, dirigido por Fritz Lang em 1936 e estrelado por Spencer Tracy, será sempre um filme atual. O drama é um entre muitos na história humana: o indivíduo condenado arbitrariamente pelas autoridades, pela opinião pública ou por ambas. Fúria é uma obra-prima de ficção, baseada em casos reais. A situação é outra em Injustiçados (2005), de Bob Balaban: os dramas verdadeiros de seis inocentes condenados pela Justiça nos EUA. Injustiçados só não é um documentário porque as vítimas foram representadas por atores profissionais. Como em Fúria, os personagens escaparam da pena de morte e da cadeia, mas sofreram muitíssimo. Em ambos os filmes, vem à baila a falibilidade da polícia e dos demais órgãos promotores da Justiça. Pensei então no caso recente do casal acusado de matar uma menina em São Paulo. Por que os laudos acusatórios estarão acima de qualquer suspeita, e a defesa dos acusados abaixo de qualquer crédito?

O Brasil é rico em precedentes de fraudes nas investigações policiais e nas soluções jurídicas. Sabe-se também que em quase toda instituição é praxe o corporativismo da cumplicidade; é o que garante impunidade para os erros dos seus membros. Suponhamos que tenha havido falhas na perícia e no laudo relativos ao crime. Se depender só deles, os responsáveis nunca admitirão isso; seus colegas de classe serão os primeiros a acobertá-los ou a eliminá-los – é comum o “suicídio” do colega que ameaça “sair da

linha”. E se o assassinato tiver mesmo ligação com pedofilia e houver policiais envolvidos? Culpado ou não, o casal tem servido ao Sistema como bode expiatório (a estratégia é pelo menos tão velha quanto as lutas de gladiadores na Etrúria e em Roma) para canalizar a agressividade das massas e (no caso brasileiro) distraí-lhes a atenção acerca do labirinto ético em que vivem; cúmplices de uma estrutura governamental escandalosamente corrupta, nutrem-se da ilusão de que, afinal de contas, a lei funciona e não pune só os “desfavorecidos”. O casal é branco, de boa aparência e da classe média alta; significa dizer que é alvo ótimo num país em que o preconceito às avessas anda na ordem do dia.

Fúria revela que a agressividade das massas cresce na razão direta do seu sentimento de inferioridade e covardia; daí a prontidão dos seus integrantes para atirar a primeira pedra em todo elemento externo a elas, desde que haja um pretexto e que esse elemento seja frágil. Em qualquer sociedade juridicamente sadia, o réu é inocente até que se prove sua culpa. No Brasil atual, a culpa ou a inocência de alguém depende cada vez mais dos interesses dos poderosos, que são o pólo magnético da mídia sensacionalista, bússola das massas em fúria.

João Vicente Ganzarolli de Oliveira é professor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; jornalista, autor de vários artigos e livros.
Contato: jganzarolli@usa.com



Pe. Vitor P. C. dos Santos, cmf

As conseqüências ensinam:

O controle aversivo (4)

Quando se fala que o controle aversivo, ou seja, a punição de maneira particular, não deve ser utilizado como prática educativa, já que não ensina o comportamento adequado, mas somente diminui a freqüência dos comportamentos inadequados, surge, normalmente, dúvidas em relação ao que fazer.

Muitos pais não sabem como educar seus filhos, os quais, segundo eles, não obedecem, são indisciplinados, etc. afirmam que falar não resolve e que, muitas vezes, acabam perdendo a paciência e punindo seus filhos com ameaças, humilhações, castigos e até violência física.

Como vimos em artigos anteriores, isso não educa, pois o comportamento adequado não é ensinado e, por outro lado, resulta em efeitos co-

laterais negativos, como a raiva contra o agressor, medo do agressor, culpa e vergonha, baixa auto-estima, comportamento de fuga e esquiva, etc.

Muitas vezes, os pais, por terem vivido esta experiência, querem educar seus filhos de maneira diferente. No entanto, não sabem como agir e acabam em um dilema: punir ou deixar que os filhos façam o que quiser?

Segundo Lidia Weber: "Educar uma criança toma tempo e requer experiência, treinamento e prática; os pais devem ensinar limites, disciplina e a ordem do mundo". E isto deve ser feito sem punições, mas usando conseqüências lógicas.

O uso das conseqüências lógicas é uma alternativa à punição e produz mudanças no comportamento da criança ou de qualquer pessoa. Usamos como exemplo a educação infantil, mas isto se aplica em qualquer processo educativo.

Esta prática supõe que as regras relativas à família, ao grupo ou à sociedade devem ser claras e conhecidas previamente pela criança, assim como as conseqüências do seu cumprimento ou não. É bom lembrar que

estas regras não devem ser arbitrárias como, por exemplo, "não faça isso porque eu não gosto". Devem ainda ser permanentes, ou seja, as regras não mudam a cada dia. Elas visam o bem comum dos membros de um grupo e não dependem do gosto ou do humor dos pais, no caso de uma família.

As conseqüências, no caso do não cumprimento das regras, devem ser proporcionais ao comportamento inadequado: por exemplo, seria um exagero deixar a criança sem TV durante uma semana porque disse um palavrão. Elas também devem ser temporárias, ou seja, o mais brevemente possível, a condição de normalidade deve ser restabelecida e, por fim, devem acontecer imediatamente após o comportamento inadequado, caso contrário, perderá seu efeito, como por exemplo: "se você não recuperar suas notas neste semestre não ganhará a bicicleta no Natal", ou "fumar produz câncer no pulmão".

Até a próxima!

Vitor Pedro Calixto dos Santos,
CPR 06/91521, psicólogo clínico
vpcsantos@uol.com.br

Vamos cozinhar?

Elaboradas por Dinorah

Entrada - Salada de feijão branco

Ingredientes

250 g de feijão branco
1/2 cebola
1 tomate sem pele e sementes
1 colher/sopa de salsinha
8 azeitonas verdes
1 colher/sobremesa de sal
1/2 colher/café de pimenta-do-reino
Azeite, sal e vinagre.

Modo de preparar

1. Escolha o feijão e coloque de molho por 30 minutos. Depois de cozido, escorra bem e coloque em uma travessa. Junte a cebola, batidinha, o tomate em cubos, a salsa picada fininha e as azeitonas sem caroço e picadas.
2. Misture os temperos e mexa devagar para não amassar os feijões.
3. A salada deve ser temperada ainda quente, para pegar melhor o sabor.

Prato Principal - Bife à rolê de peito de frango

Ingredientes

4 filés de peito de frango
4 fatias de presunto
4 fatias de queijo prato ou mussarela
1 maçã sem casca, fatiada
8 ameixas pretas sem caroço
1 colher/sopa de óleo.

Modo de preparar

1. Lave bem os filés de frango e tempere com sal, alho e pimenta-do-reino.
2. Arrume em uma tábua de carne os peitos de frango. Coloque em cada filé uma fatia de presunto, uma fatia de queijo, 2 ameixas sem caroços e fatias de maçã.
3. Enrole os filés de frango e prendas com palitos.



3. Em uma panela coloque o óleo e frite os filés enrolados. Depois vá acrescentando água aos poucos, até cozinharem bem.
4. Antes de servir, retire os palitos dos enrolados de frango.

Sobremesa - Forminhas de coco

Ingredientes

1 embalagem com discos de massa para pastel
1 lata de leite condensado
1 pacote de coco ralado
2 ovos
12 forminhas para empadas.

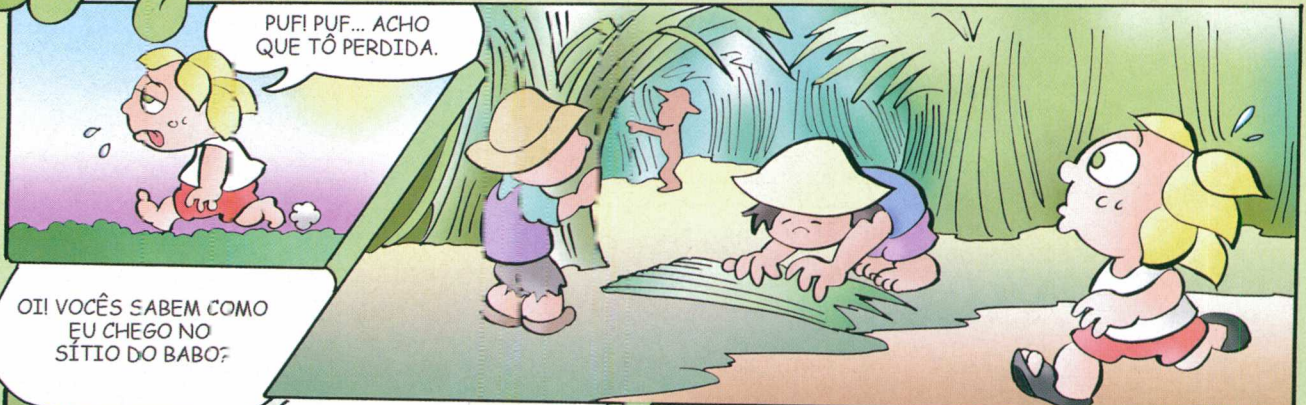
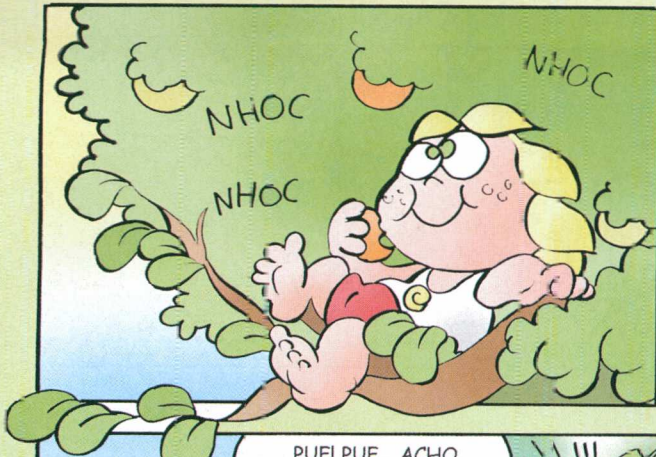
Modo de preparar

1. Coloque nas forminhas os discos de massa, fazendo uma leve pressão no centro.
2. Bata os ovos, junte o leite condensado e o coco.
3. Recheie as forminhas e leve ao forno médio até dourar.



Turma da Maira

Tina Glória





criança tem direito de viver!

A Constituição brasileira determina claramente que é inconstitucional o trabalho de crianças com menos de 16 anos.

A demanda do mercado por mão-de-obra barata contribui para atrair essas crianças que, na maioria das vezes, estão complementando a renda familiar.

Na agricultura, muitas vezes, as condições de trabalho dessas crianças são precárias, expostas ao manejo de ferramentas cortantes e produtos tóxicos, carregamento de fardos pesados, uso contínuo de agrotóxicos, uso de equipamento inadequado, além de longas jornadas de trabalho.

Nos centros urbanos, a maioria dessas crianças está vendendo frutas e flores nos sinais, guardando carros, atuando como engraxates – muitas vezes em locais considerados impróprios, como bares e boates, por exemplo – ou no setor doméstico.

A exploração de um menor de idade fere alguns dos direitos básicos de proteção especial para o seu desenvolvimento físico, mental e social: o direito à educação gratuita e ao lazer infantil e o direito de ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho.

Toda criança tem direito de viver como criança!

LIGUE CADA PALAVRA À CENA CORRESPONDENTE



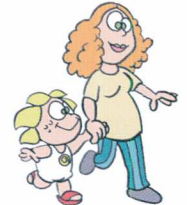
COMER



BRINCAR



ESTUDAR



LER

JOGAR



PASSEAR



APRENDENDO COM O DRICO

Violão

E AÍ PESSOAL?
ESTÃO TREINANDO
BASTANTE?
ENTÃO, MÃOS À
OBRA!



Nosso sistema musical é composto por 7 sons chamados naturais, que nada mais são do que as notas que já aprendemos.

Além dessas notas, existem outros 5 sons chamados acidentados. Veremos esses acidentados posteriormente.

Essas 7 notas naturais vocês já conhecem:

C - D - E - F - G - A - B.

Quando essas notas são executadas sucessivamente, elas formam a escala diatônica maior.

No pentagrama abaixo, você pode ver como fazer essa escala no violão. Para executá-la, comece pela nota C até B.

	G		A	B
	D		E	F
A		B	C	
E	F		G	
	C		D	

As linhas horizontais representam as cordas e as linhas verticais representam os trastes.

Obs: Você percebeu que estou usando as cifras para designar os acordes e as notas, já aprendemos isso nas aulas passadas.

Treine essa escala, subindo e descendo pelo braço do violão. No sentido ascendente e descendente.

Por enquanto é isso... **TCHAU!**

Por Murilo Ferreira Bicalho (DRICO)

Tenha um encontro diário com Deus!

Neste livro, o leitor é convidado a um verdadeiro encontro diário com Deus, mediante sua Palavra proclamada e meditada nas missas dos dias de semana (segunda a sábado). Cada meditação é uma oportunidade para aprofundarmos o entendimento dos textos evangélicos da liturgia do dia, procurando ao mesmo tempo vivenciá-los com retidão de mente e coração. Nesse sentido, o autor não apenas explica e comenta o texto evangélico, mas também propõe, no tóxico Vivência, sua atualização em nossas vidas.

R\$ 54,30

Cód.: 0873

Formato: 11x18 cm

Páginas: 832

Alfonso Milagro

O Evangelho meditado para cada dia do ano

Advento • Natal • Quaresma
Páscoa • Tempo Comum

M
EDITORA
AVE-MARIA

À venda nas melhores livrarias, pelo televentas 0800 7730 456
ou no site www.avemaria.com.br

M
EDITORA
AVE-MARIA

A Serviço da
Palavra e da
Educação